



ANEXO A - SISTEMAS ESTRUTURANTES
PAIVA

ÍNDICE

O Sítio.....	1
Património Cultural.....	6
Património Natural.....	25
Acessibilidades:	32
Equipamentos:	48
Problemas	50
Bibliografia.....	52

Índice de Imagens:

Aldeia de Meitriz | Aldeia de Janarde

Centro de Interpretação Geológica de Canelas | Trilobites

Carreira de Moinhos de Alvarenga | Panorâmica da Senhora do Monte (Alvarenga)

Índice de Mapa:

Mapa 01 – Rio Paiva | Geologia

Mapa 02 – Rio Paiva | Hidrografia

Mapa 03 – Rio Paiva | Hipsometria

Mapa 04 – Rio Paiva | Património

Mapa 05 – Rio Paiva | Percursos pedestres

ICONOGRAFIA

Aldeia de Meitriz | Aldeia de Janarde

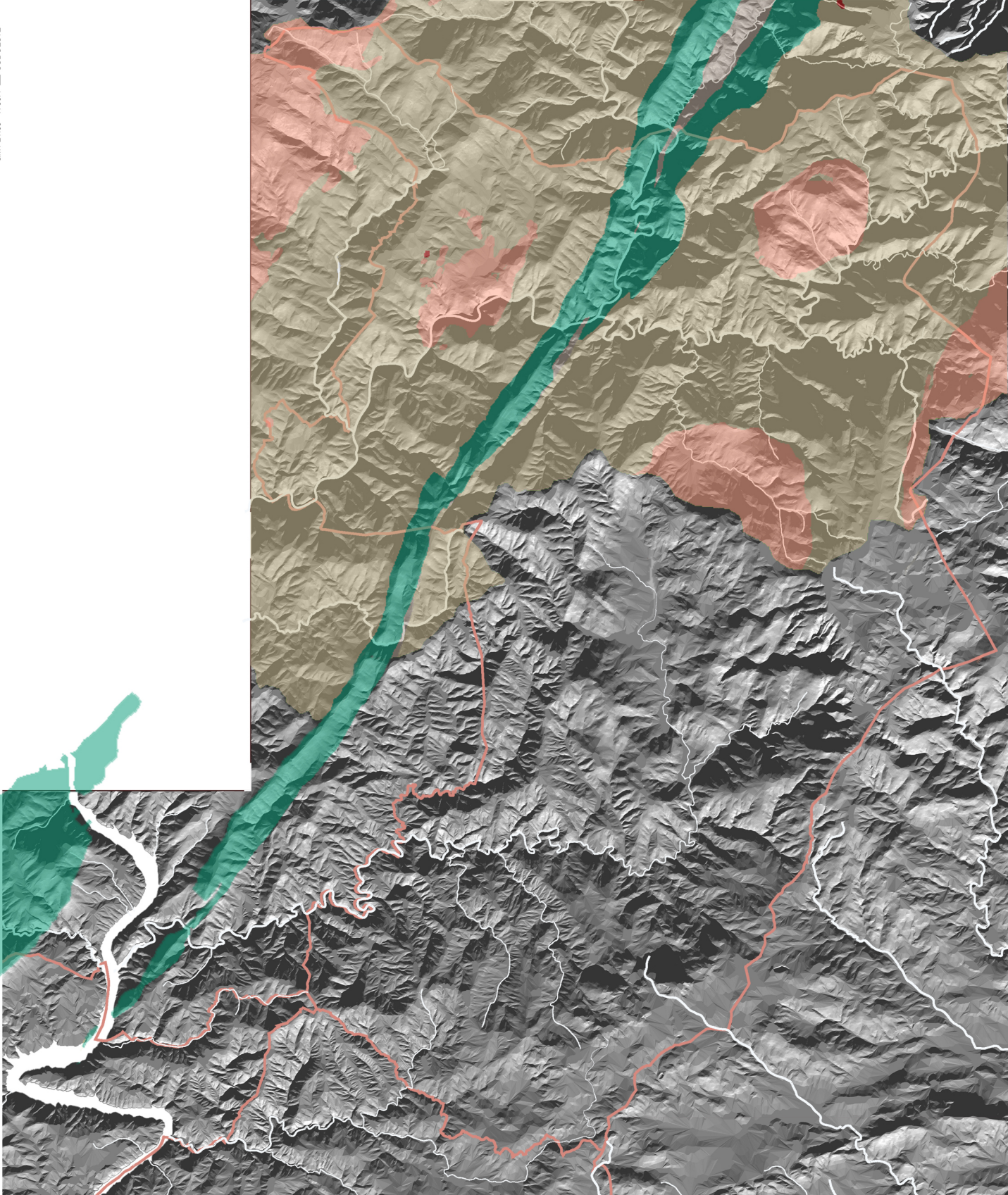


Centro de Interpretação Geológica de Canelas | Trilobites



Carreira de Moinhos de Alvarenga | Panorâmica da Senhora do Monte (Alvarenga)

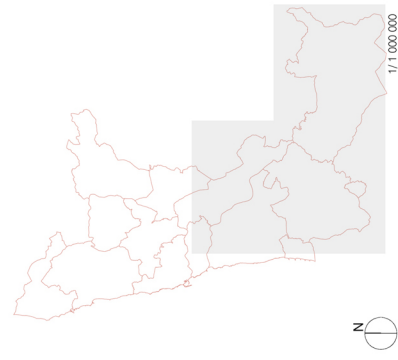


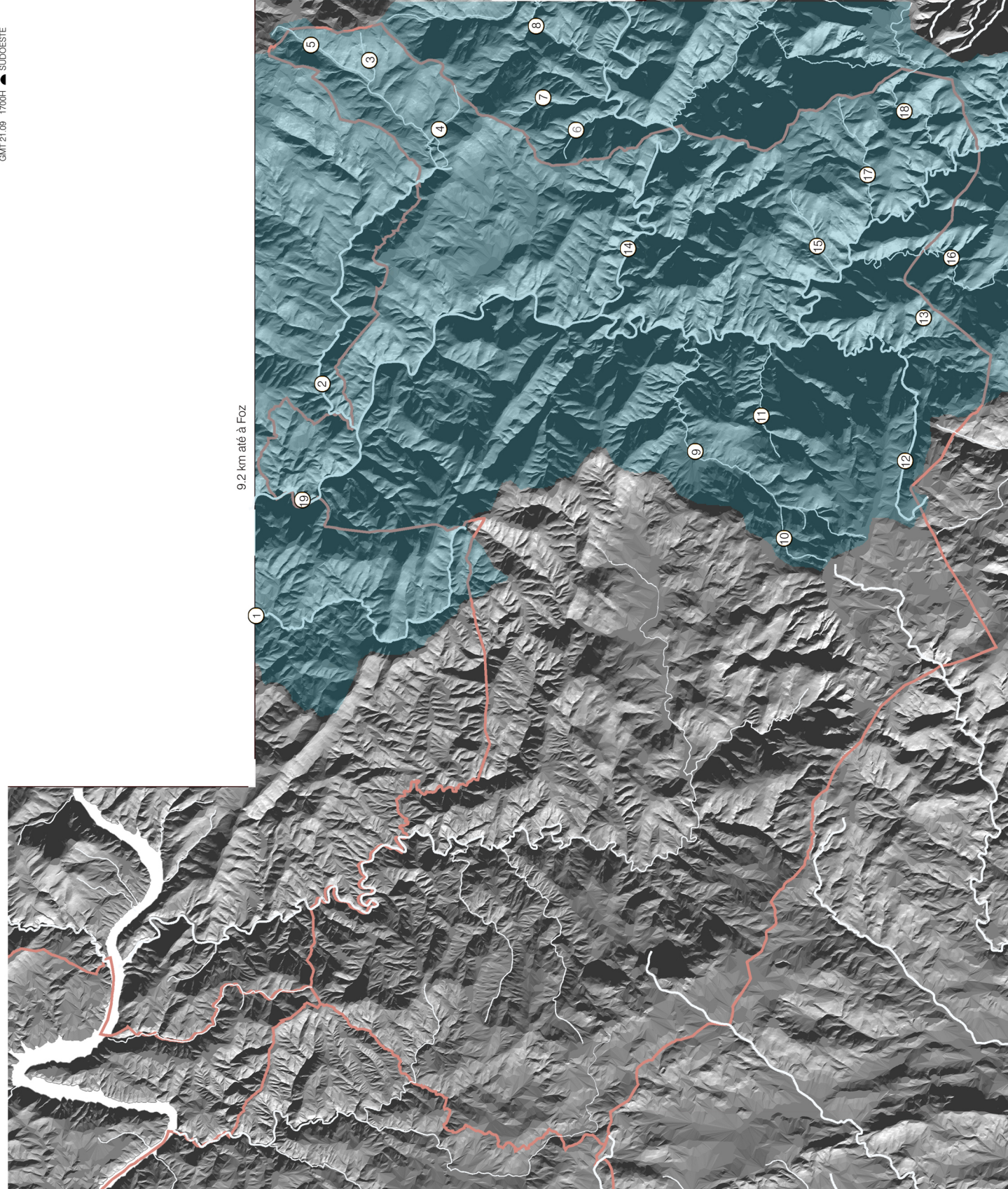


01 RIO PAIVA | GEOLOGIA

01 RIO PAIVA | GEOLOGIA

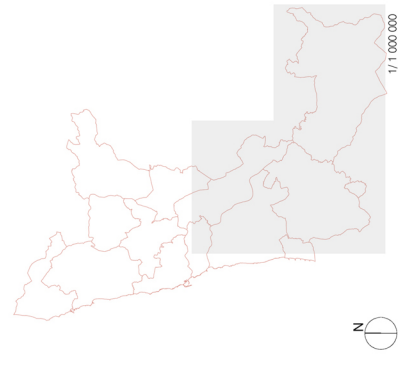
- Aluviões e FluviSSolos
- Rochas eruptivas
- Complexo Xisto-Grauwáquico
- Ordovício
- Rochas filonianas



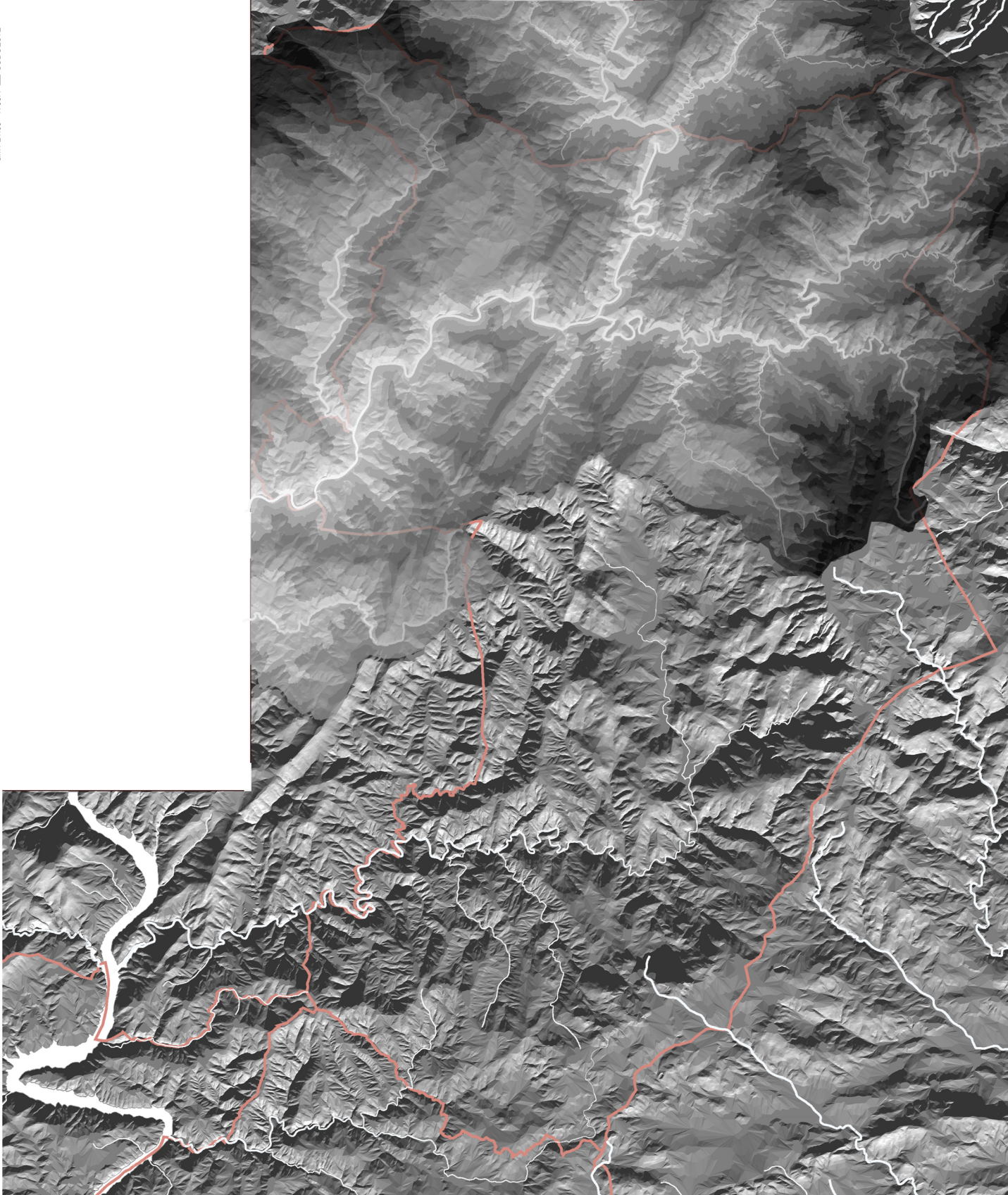


02 RIO PAIVA | HIDROGRAFIA PRINCIPAL

- 1 Rio Sardoura
 - 2 Rio Ardena
 - 3 Ribeira do Bustelo
 - 4 Rego do Bai
 - 5 Ribeiro da Noninha
 - 6 Ribeira do Muroñçal
 - 7 Ribeira da Fândega
 - 8 Ribeiro
 - 9 Ribeiro das Roças
 - 10 Ribeiro de Espinho
 - 11 Ribeira de Boucegedico
 - 12 Rio Frandes
 - 13 Ribeiro do Seixo
 - 14 Rio Pavó
 - 15 Ribeiro de Cacús
 - 16 Ribeira de Pavó
 - 17 Ribeira de Regou
 - 18 Ribeira de Palhais
 - 19 Rio Paiva
- Bacia Hidrográfica do Rio Paiva



02 RIO PAIVA | HIDROGRAFIA PRINCIPAL

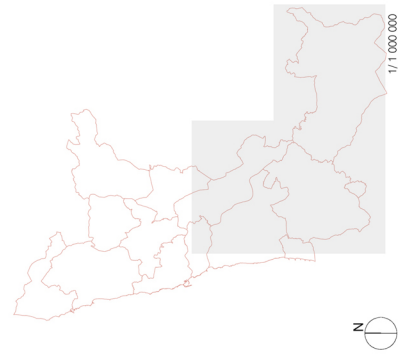


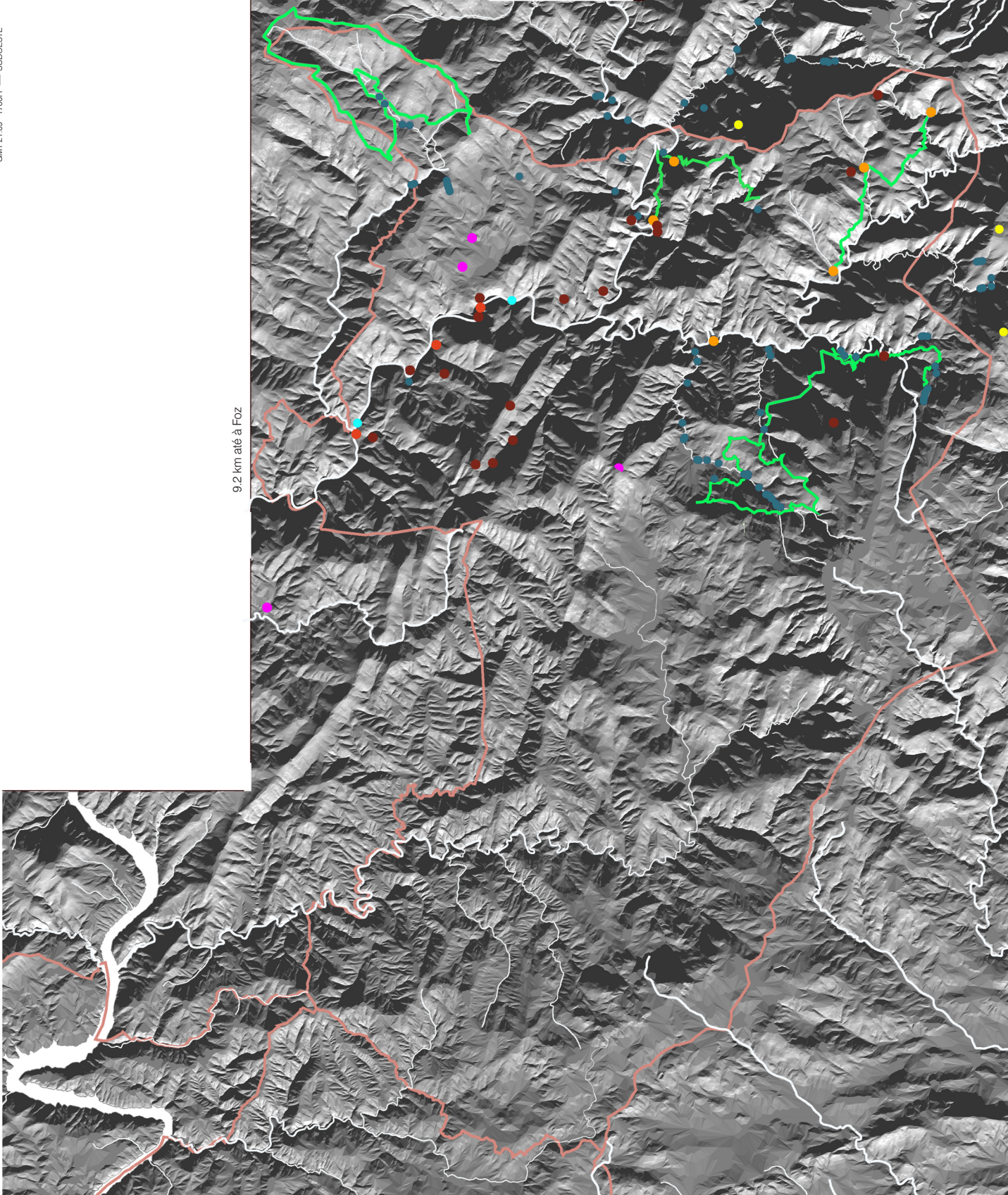
03 RIO PAIVA | HIPSOMETRIA

- 0 - 100 metros
- 100 - 200 metros
- 200 - 300 metros
- 300 - 400 metros
- 400 - 500 metros
- 500 - 600 metros
- 600 - 700 metros
- 700 - 800 metros
- 800 - 900 metros
- 900 - 1000 metros
- > 1000 metros

03 RIO PAIVA | HIPSOMETRIA

1 km



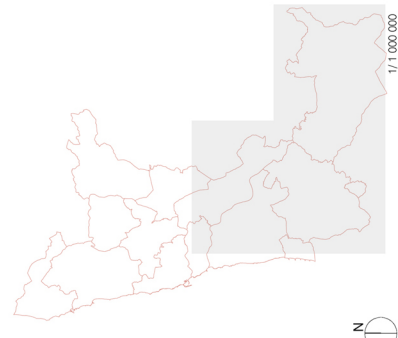


9,2 km até à Foz

04 RIO PAIVA | PATRIMÓNIO

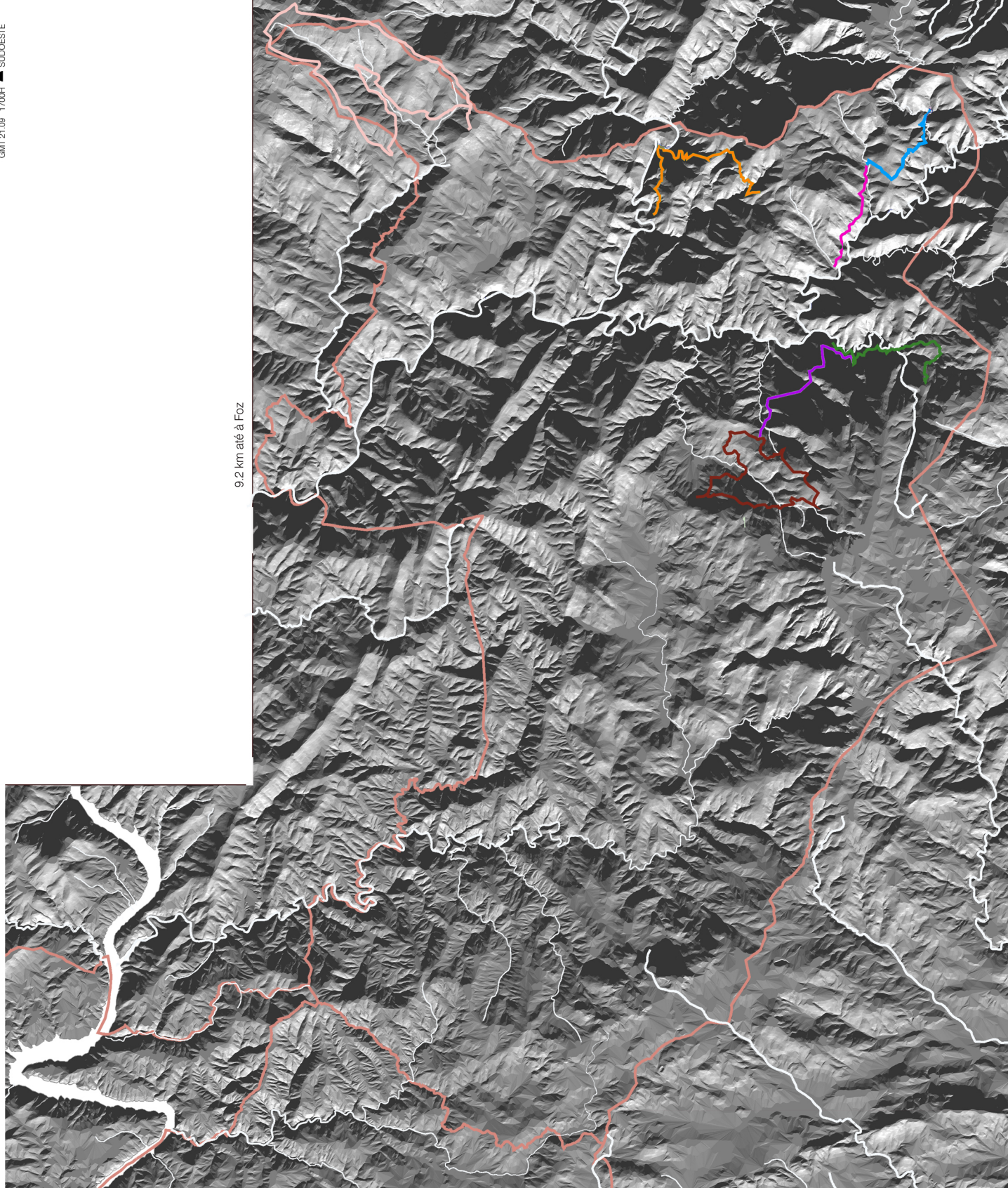
04 RIO PAIVA | PATRIMÓNIO

- Património religioso
- Património geológico
- Aldeias e Núcleos rurais
- Moinhos e Azenhas
- Pontes
- Pontos de Vista
- Percursos pedestrais
- Equipamentos



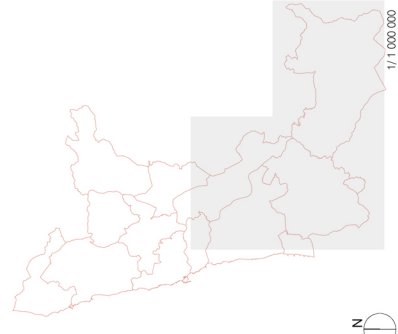
1/1,000,000

1 km



05 RIO PAIVA | PERCURSOS PEDESTRES

- 1 - Caminhos do Montemuro
- 3 - Caminhos do Sol Nascente
- 5 - Rota das Tormentas
- 6 - Caminho do Carteiro
- 8 - Rota do Ouro Negro
- 13 - Na Senda do Pavó
- 14 - A Aldeia Mágica



IDENTIFICAÇÃO

Nome: Rio Paiva

Área (ha): ...

Freguesia(s): Janarde, Moldes, Alvarenga, Canelas, Espiunca (Arouca), Travanca, Souselo (Cinfães), Real, Bairros e Fornos (Castelo de Paiva)

Localidade(s): Arouca, Cinfães, Castelo de Paiva

DESCRIÇÃO

O Sítio

"«O Paiva é que manda, os outros perdem-lhe o nome» - Dizia o moleiro de um Nafroio quando lhe perguntamos como se chamava um ribeiro que passava perto do moinho.

E, de facto, ele é a Ribeira da Lamosa, a Ribeira dos Cubos ou o Córrego do Paul que o encontram nas imediações da nascente, ele é o Rio Covo que vindo de um pouco acima do Touro nele se lança por alturas de Vila Cova à Coelheira, eles são os dois Paivôs, o de Castro Daire e o de Arouca e Ponte de Telhe, as muitas Ribeiras do Montemuro que a ele vão ter, o Ribeiro Tenente nas proximidades do Cabril, o Rio Ardena por terras de Alvarenga e da Espiunca, o Ribeiro da Várzea já mais perto a foz, eles são os muitos e múltiplos corgos, pequenos rios e ribeiros de que se compõe a teia de água do Paiva.

Muitos. Alguns, se não lhes sabe bem o nome, é como dizia o moleiro, é porque a Paiva é quem manda.

E por essa sua característica de unir, juntar, tragar-águas, mantém-na o Rio Paiva até ao fim.

Uma outra também guarda e conserva como constante desde o início, a de ser Rio de Montanha, que é através da montanha que talha todo o curso e é entre os morros e as encostas da serra que desagua no Douro.

Agregador e montanhês.

E também transparente, quase impoluto, galga-açudes, afia-rochedos, lavrador e moleiro, mas mais moleiro que lavrador. Lendário e misterioso. Dono de muitos «Poços» e todos com peixe de nomeada.

Se lhe quiséssemos seguir os estudos e as aprendizagens de rio, poderíamos dizer na linguagem poética que muitas vezes utilizamos que o Paiva fez a Escola Primária em Soutosa e Segões (bom mestre e aluno teve em Aquilino), frequentou o Instituto das Descidas do vale da Amoreira depois de FRáguas, o

Ciclo Preparatório de Rodeia Montes em Castro Daire, a Escola Prática de Lavradorias e Terraços Fluviais da Ermida e Reriz, a Universidade de Meandros de Meatriz e Janarde, tirou o Curso de Pós-Graduação de Mestre de Pico e Cantaria na zona de Alvarenga e nas Fragas de vilar de Eirigo.

A transparência, essa aprendeu-a com a Natureza, quando o Homem a respeita. (Pignatelli, 1998) ¹.

O rio Paiva tem a sua **nascente** no Planalto da Nave, em Moimenta da Beira, desaguando na margem sul do rio Douro, em Castelo de Paiva. Desde a sua nascente até à foz, estabelece um percurso com cerca de 111 km, formando uma bacia hidrográfica com cerca de 85 Km², passando por áreas serranas, como as serras de Leomil, Lapa, Freita e Montemuro ^{2,3}.

Possui diversos **afluentes**, principalmente na margem direita, como os rios Touto (ou Covo), Rio Mau, Paivó, Videeiro, Sonso, Tenente, Cabril e Ardena, que nascem quase todos na Serra de Montemuro; na margem esquerda, existem menos afluentes, com relevo para a ribeira de Reiriz e o Rio Paivó, que nasce na Serra da Coelheira, junto ao Portal do inferno, em Arouca ².

No concelho de Arouca, os afluentes com maior relevância são o rio de Frades e o rio Paivó ³. O rio Paivó nasce na parte oriental do maciço da Gralheira, possuindo como principais afluentes: a ribeira de Moldes (onde desaguam os ribeiros de Espinho e de Rossas), o rio de Frades (onde desaguam o ribeiro da Pena Amarela, Boucegedim, Seixo e Pequenino) ⁴, o ribeiro de Drave, o ribeiro de Regoufe e o ribeiro de Paivó (que vem de Coelheira) ⁵.

No seu percurso, o Rio Paiva corre em ambientes bastante distintos: desde os "desfiladeiros de vertentes abruptas" aos "*meandros preguiçosos com dissimetria nas margens provocada pelo desgaste mais intenso na margem côncava e uma sedimentação notável na margem convexa, facto que os agricultores frequentemente aproveitam pela riqueza de alguns desses depósitos*" (Silva *et al*, 1999) ².

O Rio Paiva possui um regime de "feição torrencial", existindo, no Inverno e Primavera elevados níveis de pluviosidade, que aumentam o seu caudal, por vezes originando cheias. Mesmo em alturas de pouca chuva, o rio Paiva apresenta rápidos, que se localizam em áreas de rupturas no declive, em que a água ganha maior velocidade: quanto maior o declive, mais evidente se torna este fenómeno. No entanto, também surgem no seu caminho para a foz, locais planos e serenos, em troços que podem atingir vários

¹ Pignatelli, 1998.

² Silva *et al*, 1999.

³ www.addp.pt

⁴ Moura, 2001.

⁵ Ribeiro, 1999.

quilómetros. Este rio é considerado por alguns, como Amorim Girão, como um rio de planalto, assim como afluentes que desaguam na margem esquerda do Rio Douro ².

A sua bacia hidrográfica localiza-se na "*parte ocidental da grande ossatura da Península Ibérica na zona Centro-Ibérica do chamado Maciço Hispérico ou Ibérico*" (Silva *et al.*, 1999), englobando principalmente rochas **metassedimentares**, com intrusões de **granitos**. Na zona onde corre o rio Paiva, podem encontrar-se formações do complexo xisto-grauváquico, granitos hercínicos e formações paleozóicas, que atravessam o território na direcção NW-SE. Também se podem encontrar, mas em menor escala, calhaus rolados de quartzo e quartzitos ².

Quando o rio atravessa áreas graníticas, verifica-se que o seu leito se apresenta mais sinuoso do que nas zonas de xistos, mais macios ².

De acordo com dados do COS'90, o Sítio Rede Natura 2000 "Rio Paiva", que engloba esta linha de água, assim como uma área nas suas margens, apresenta a seguinte distribuição de **usos de solo**: áreas agro/silvo/pastoris (1,73%); áreas agrícolas arvenses (18,44); áreas agrícolas arbóreo-arbustivas (4,19%); matos e pastagens naturais (11%); floresta (58,31%); zonas húmidas (2,69%) e outros usos de solo (como áreas urbanas e industriais e áreas sem cobertura vegetal) (3,64%) ⁶.

Após um troço inicial numa zona planáltica _ o Alto Paiva_ o rio segue num vale encaixado, com as encostas ocupadas por áreas florestais com pinheiros e eucaliptos, áreas de matos e carvalhais e sobreirais. Esta é uma zona de xistos, que, juntamente com a orientação do rio, os elevados declives, promovem a existência de uma vegetação do tipo termo-mediterrâneo. Nas margens, tanto existem áreas com afloramentos rochosos, como zonas de terra onde se instalou a vegetação ripícola, que se encontra "bem conservada e desenvolvida". No baixo Paiva, aumentam as áreas de eucaliptal, sendo as vertentes florestadas e a vegetação assumindo um carácter atlântico ⁶.

A vegetação ripícola que acompanha o rio, em geral, apresenta-se bem conservada, sendo constituída por bosques de amieiros, rodeados por áreas de carvalhais, que ainda restam ⁶.

O Rio Paiva é considerado como um dos melhores da Europa, "assumindo bastante importância para a conservação da fauna aquática e ribeirinha" ⁶.

⁶ ICN, 2006.

Na bacia do Paiva, as populações foram-se fixando nos sítios com melhores condições topográficas e climáticas, aproveitando os melhores terrenos para a agricultura e locais com abundância de água. Por vezes, estes terrenos encontravam-se longe do povoado ².

As propriedades encontram-se bastante divididas, predominando os minifúndios. Na **actividade agrícola**, eram obtidos produtos quase exclusivamente para sustento próprio. Estes serviam para o abastecimento das famílias e alimento dos animais, sendo cultivados em amplos espaços murados, distribuídos pelas famílias. No entanto, quando existiam excedentes, estes eram vendidos no mercado, podendo encontrar-se batata, feijão, legumes, centeio e milho, através de técnicas tradicionais, sendo o trabalho principalmente manual. No entanto, em alguns locais, observa-se já a substituição do arado pelo tractor ².

Nos campos em cotas mais baixas, ou abundantes em água, verifica-se um cultivo de batatas e milho. Com a subida em altitude, estas culturas vão sendo substituídas pelo centeio e também pela presença de lameiros, prados continuamente regados pela água da chuva no Inverno, evitando que as ervas queimem e permitindo a existência de alimento para os animais. Com o gado que criavam obtinham carne, leite e fabricavam queijo, para consumo próprio ou venda ².

Actualmente, os terrenos agrícolas cultivados com centeio que se localizavam mais distantes das povoações, encontram-se abandonados ou sujeitos ao regime de pousio, em que durante algum tempo, é deixada a giesta crescer livremente, de modo a azotar e enriquecer os solos e também para evitar que as ervas daninhas e silvas invadissem esses espaços. Podem também encontrar-se áreas de matos incultos, onde pasta o gado miúdo. Verifica-se, em muitos locais, o abandono destes terrenos e a emigração da população ².

A partir de Castro de Aire, o terreno começa a ser mais declivoso, só permitindo a instalação de pequenas courelas, que apenas possibilitam a utilização dos meios e técnicas tradicionais, como os arados e charruas, podendo mesmo observar-se arados tipo radial e grades puxadas por uma ou mais juntas de bois. Os instrumentos mais utilizados são: a enxada, a sachola e o sacho, a força, o gancho, a foice, a machada, o ancinho e o mangual ².

Por toda a área da bacia se pode observar a presença do homem na sua acção de construção da paisagem agrícola, nos "*socalcos e sebes, em trabalhos de irrigação e aproveitamento de recursos hídricos*". No alto e médio Paiva, podem observar-se os maninhos (terrenos do povo ou terrenos comunitários), com origem remotas e onde o gado pasta livremente, sendo de grande importância comunitária para as populações que aqui habitam. Encontram-se também "*frondosos carvalhais e soutos*", onde o homem obtém lenha e os animais refúgio e uma alimentação diversificada ².

Actualmente a agricultura não é apenas uma actividade exclusiva, mas complementar de outras, particularmente a criação de gado. Esta constitui uma das principais actividades económicas e fonte de

rendimento, estando associada à agricultura, que lhe fornece alimento, enquanto a pastorícia fornece estrume para a fertilização dos terrenos ².

Na zona perto das margens, com mais água, é criado gado miúdo (cabras e ovelhas) e gado bovino arouquês, que dá elevados rendimentos aos seus criadores. A raça arouquesa é também chamada "paivota". *"Tem como características principais a cabeça grande, de comprimento médio, a baixa estatura, a corpolência, os olhos à flor do rosto, grandes e rodeados de círculos pretos e brancos, os chifres de tamanho médio, a cor acastanhada e a docilidade dos animais. O seu leite é muito buritoso, isto é, possui um elevado índice de gordura. A sua carne, pela qualidade e sabor, tem fama e é muito apreciada na gastronomia local e regional"* (Silva *et al*, 1999). O gado miúdo é guardado na serra à vez, sendo um modo tradicional de organização do gado, que pasta em comum e é guardado de acordo com uma escala definida pelos proprietários. Este gado é também importante economicamente, fornecendo leite para fabrico de queijo, carne, pele e lã, para confecção de cobertores, meias e luvas ².

Anteriormente, as actividades agrícolas eram auxiliadas pelas vacas. Actualmente, são os asnos, que se encontram adaptados à secura e se alimentam de feno, ajudando em tarefas, como lavrar os campos, acarretar o milho e o centeio e puxar carroças ².

Com os Descobrimentos, o rio Paiva, ficou com as suas margens desarborizadas e erodidas, e com a consequente deposição de sedimentos, com a formação de extensos areais. Os povos que aqui viviam, e que baseavam as suas vidas nas florestas, para a obtenção de *"plantas medicinais, madeira, lenha e alimentação"*, começaram a dedicar-se à pastorícia, possuindo estas áreas coberturas de urzes, giestas, tojos, carqueja, que servem de alimento aos animais que aqui pastam, principalmente gado caprino ².

Relativamente à **ocupação florestal de produção**, esta consiste principalmente na monocultura de eucalipto (*Eucalyptus globulus*) e pinheiro-bravo (*Pinus pinaster*) que, possuindo menor diversidade de que anteriores pinhais, resultou num abandono da pastorícia, agricultura e das aldeias, com o aumento da emigração para o estrangeiro ².

Um outro problema que começa a surgir é a infestação das áreas florestais com acácias australianas, principalmente mimosas (*Acácia dealbata*) e austrálias (*Acacia melanoxylon*) ².

Com a criação dos Serviços Florestais, estas áreas foram rearboreizadas, através de sementeira ⁷, com pinheiro-bravo (*Pinus pinaster* Aiton), uma espécie exótica que surgiu nas montanhas apenas nessa altura. Esta medida teve o desagrado da população devido à ocupação dos baldios por pinhais,

⁷ Silva, 1997.

formações monoespecíficas de menor biodiversidade que não possibilitavam a pastorícia. Assim, estas áreas eram frequentemente destruídas e incendiadas, assim como assoladas por epidemias ².

Com a impossibilidade do pastoreio, abandonada transumância, as habitantes destas áreas passaram a viver dos produtos obtidos do pinhal: mato para o gado, pinhas e caruma (para as lareiras), resina, madeira de pinho (para lenha e construção, mobiliário e fabrico de objectos) ².

Património Cultural

Não se conhecem vestígios de civilizações pré-romanas junto ao rio Paiva. No entanto, na sua bacia, podem encontrar-se vestígios arqueológicos, que datam desde o Período Megalítico, como a Orca de Pendilhe, em Vila Nova de Paiva. Os castros encontram-se presentes por toda a bacia, daqui derivando os nomes de Castro de Aire e Castelo de Paiva (onde se localizam o alto Paiva e a sua foz), e encontrando-se testemunhos de castros em Vila Cova (Vila Nova de Paiva), Cabril (Castro de Aire) e Ervilhais (Cinfães), sob a forma de restos de cerâmica e antigas edificações encontradas. Entre Cabril e Alvarenga (Arouca), encontraram-se vários objectos, entre estes uma ara dedicada a Júpiter, do período romano ².

O vale do rio Paiva constituía um local rico e fértil, onde se foram instalando algumas comunidades monásticas, como os monges cistercienses que foram viver para as “várzeas férteis e ricas em água”, como por exemplo o Mosteiro de Arouca. Estes monges que aqui se instalaram foram responsáveis por várias inovações nas técnicas e culturas agrícolas ².

O **Mosteiro de Arouca**, embora localizado no centro da Vila e não na bacia do Paiva, é um elemento bastante emblemático em Arouca e na região ⁸. Também designado por Convento de Santa Maria, Convento de Santa Mafalda, ou Mosteiro de Santa Maria de Arouca, juntamente com o túmulo de Santa Mafalda, encontram-se designados como Monumento Nacional ⁹.

O primeiro Mosteiro de Arouca foi fundado por Loderigo e Vandilo, em data incerta, sabendo-se que existia já em 925. Começou por ser uma pequena ermida, tendo crescido desde a sua construção, até ao Século XI quando, com a anexação de novas terras e bens, passou a constituir um Mosteiro de Freiras. Eram invocados São Pedro, São Paulo, São Cosme e São Damião, cujos cultos parecem ter perdurado

⁸ Fernandes, 2002.

⁹ www.ippar.pt.

até 1087; no Século XII, o culto era destinado a Santa Maria, São Paulo e São Pedro, sendo que este último iria tornar-se o principal orago do Mosteiro. A localização deste primeiro mosteiro permanece incerta, apesar de se supor que se situaria no lugar de São Pedro, num local a cerca de 500 metros do actual Mosteiro de Arouca, tendo sido trocadas as cotas elevadas pelo vale. Foi em volta do novo mosteiro que se foi concentrando a vila ¹⁰.

O Mosteiro actual recebeu Carta de Couto no Século XII, quando assumiu importância na região, que aumentou com o padroado de D. Mafalda. Nesta altura, foram feitas muitas doações, tendo a sua riqueza transparecido no adquirir de peças de arte, muitas das quais ainda existem ⁸.

O edifício possui uma arquitectura religiosa, classicista e barroca. Tem uma planta rectangular composta, com o maior eixo orientado no sentido Norte-Sul, possuindo anexos nos lados, onde se localizam a igreja (a Norte) e os celeiros (a Sul). Desenvolve-se em redor de um claustro com dois pátios designados de Pátio do Norte e Pátio dos Comuns ou do Sul. É em volta destes que se localizam as celas monásticas. O corpo localizado a Oeste possui dois torreões, que servem de miradouro ¹¹.

De finais do Século XVII a finais do Século XVIII, ocorreram aqui obras e remodelações, tendo o conjunto do mosteiro sido reconstruído e ampliado. Em 1886, com a morte da última freira, o Mosteiro foi extinto e os bens passaram para o estado ⁸, tendo, em 1890, sido criada a Irmandade da Rainha Santa Mafalda, para salvaguardar este espólio ¹⁰.

Em 1935, ocorreu um incêndio neste Mosteiro, tendo este sofrido obras de reconstrução. Em 1990, foi cedido ao Município de Arouca ¹⁰.

Actualmente, no Mosteiro de Arouca, encontra-se instalado o Museu Regional de Arte Sacra, inaugurado em Dezembro de 1933, onde está exposto o seu espólio artístico. Existem aqui elementos de artes decorativas, como ourivesaria, mobiliário, tecidos e bordados e elementos de belas-artes, como pintura e escultura, embora não tão bem representados. Entre estes, conta-se uma *"urna de ébano ornada de prata onde se guarda o corpo de Sancta Mafalda"*, que data do reinado de D. João V, um díptico de altar medieval em prata, uma cruz relicário em prata, *"contendo uma relíquia do Santo Lenho e um espinho da coroa de Cristo"*, datando dos séculos XIII e XVI, um tríptico relicário de madeira chapeada de prata do final do século XV e um cofre de relíquias com aplicações de prata, talhada a buril com data provável do Século XVII ¹².

Também em Arouca, na Espiunca, existiu um Mosteiro, cuja data de construção é desconhecida, embora existam evidências de que já existia em 1199 ².

¹⁰ Silva, 1993.

¹¹ www.monumentos.pt

¹² Simões Júnior, 1954.

Por toda a bacia, existem dezenas de igrejas paroquiais, capelas e ermidas, destacando-se as igrejas paroquiais de Castro Daire, Ester, Parada de Ester, Mões, Reiriz e Vila Nova de Paiva. Normalmente, eram construídas em granito, possuindo uma arquitectura simples. Por vezes, as fachadas eram tratadas, principalmente ao nível do frontão e torre sineira ^{2,4}.

A **igreja Paroquial de Santa Cruz**, em Alvarenga, constitui um edifício isolado, inserido numa área agrícola, que se encontra num adro com pavimento em calçada. Localiza-se junto ao cemitério e casa paroquial, existindo, em frente, um coreto e cruzeiro. Possui uma planta longitudinal com uma nave única, capela-mor e a sacristia do lado Sul. A torre sineira encontra-se coberta com coruchéu . Foi construída no Século XIII, por Nicolau Martins (pedreiro), tendo sofrido alterações nos Séculos XIV, XVIII e XIX ¹¹.

A **capela de Nossa Senhora da Mó** localiza-se na freguesia de Arouca. Trata-se de um edifício rural e isolado, no topo de um monte com 700 metros de altitude, a nordeste do vale de Arouca. O adro encontra-se pavimentado com pedras de xisto e cimento. Junto, encontra-se a Casa da Ceia, uma cruz em betão e uma antena de telecomunicações. O edifício possui uma planta longitudinal, composta por uma nave única e capela-mor. Data do Século XVI ¹¹.

A **igreja paroquial de S. Miguel**, na freguesia de Bairros, em Castelo de Paiva, constitui um edifício rural, isolado, situado na encosta que desce para o rio Paiva. Apesar de já no Século XIII, ser referida nas Inquirições Régias, no Século XVI foram aqui realizadas importantes obras, tendo a capela-mor e a sacristia sido construídos provavelmente durante o Século XVIII. No Século XIX, ocorreu uma renovação do edifício. Trata-se de um construção de arquitectura religiosa, barroca e eclética, possuindo uma nave única, com capela-mor e dois corpos rectangulares de sacristia e anexos adossados. Na frente, possui uma torre sineira coberta com coruchéu em pirâmide. A fachada tem cunhais em cantaria, portal de vão rectangular, ombreiras com elementos chanfrados e a padieira decorada com almofada riscada.

O adro possui planta rectangular, sendo rodeado por um muro baixo, com acesso por uma escadaria. Junto, encontram-se umas alminhas e uma construção com balneário ¹¹.

A **igreja paroquial de Real** (Castelo de Paiva) encontra-se classificada, juntamente com as imagens de granito integradas na vedação do adro e escadaria. Trata-se de um edifício isolado, sendo rodeado pelo adro murado, possuindo escadas centrais e laterais, ladeadas por estátuas. A igreja possui planta longitudinal, constituída pelos dois rectângulos que definem o corpo da nave e a capela-mor com anexo. À esquerda, encontra-se a torre sineira paralelepédica, apresentando três registos, balaustrada cimeira com pináculos e coroamento em bolbo quadrangular. Data do Século XVIII ¹¹.

Em Fornos (Castelo de Paiva), localiza-se a **capela das Fontainhas** e a **igreja paroquial de São Pelágio**. Esta igreja constitui um edifício rural, isolado, localizado numa encosta, sendo rodeada por um

adro murado. Ao lado, encontra-se um cemitério paroquial e duas casas: o salão paroquial (de construção setecentista) e a actual residência do pároco (de construção recente). A igreja possui uma planta longitudinal, com uma nave única, capela-mor e dois corpos rectangulares de sacristia e anexos adossados aos lados da capela-mor. A fachada principal encontra-se ladeada por pilastras, possuindo um portal único sob a janela de coro. A torre sineira possui pilastras sobrepostas de friso e cornija. A sua construção data do Século XIX, embora já fosse mencionada a igreja de São Pelágio de Fornos, no Século XII, num documento de doação e construída novamente uma outra, no Século XVIII ¹¹.

Em Souselo (concelho de Cinfães), localizam-se vários elementos de património religioso, como a Igreja Matriz de Escamarão, a capela de São João, a capela do Senhor Jesus (ou capela de Santo Cristo), a capela de Santo António e a capela de S. Sebastião ¹¹.

A **Igreja Matriz de Escamarão**, também conhecida como igreja de Nossa senhora da Natividade, possui uma localização isolada, a meia encosta, sobre o rio Douro. O edifício de arquitectura religiosa românica possui uma planta longitudinal, composta pela justaposição da nave e capela-mor. Possui a fachada principal com portal de acesso de arco apontado com arquivoltas decoradas com flores estilizadas e esferas, apoiadas em impostas. A sua construção data de finais do Século XII e XIII ¹¹.

A **capela de S. Miguel**, no Escamarão, provavelmente terá pertencido aos Templários, possuindo uma arquitectura simples, com azulejos azuis e castanhos nos altares ².

Em Travanca, localiza-se a **capela de Santa Isabel** (cuja construção data do Século XVII e reconstrução do Século XVIII) e a **Igreja Matriz de Travanca** (ou igreja de Santa Leocádia) (que data do Século XIX - 1805), possuindo, ao lado, um cruzeiro ¹¹.

Em Nespereira (também no concelho de Cinfães), em Ervilhais, surge a **capela de Nossa Senhora do Castelo**, assim como alguns vestígios medievais: *"furnas, cavidades inseridas na rocha, compartimentadas e recheadas de grafitos e de inscrições e que alguns historiadores associam a ermitérios medievais"* (Silva, 1999) ².

São também de destaque os pelourinhos de Alvarenga (Arouca) e Nespereira (Cinfães), símbolos dos antigos concelhos, que se localizavam perto dos edifícios da Câmara.

O **Pelourinho de Alvarenga**, ou Pelourinho de Trancoso, localiza-se em Trancoso (Alvarenga), tendo este lugar sido sede da anterior freguesia de Alvarenga, desde 1514 a 1836. O pelourinho situa-se no largo em frente ao edifício que funcionava como Casa da Câmara. Possui uma plataforma com três degraus circulares, onde assenta uma coluna de fuste liso, que termina numa moldura circular e saliente

e um anel com meia esfera no topo. Datando do Século XVI, possui uma laje, onde se encontra gravada a data (1590), sendo o resto ilegível. Encontra-se classificado como imóvel de interesse público ¹¹.

Em Souselo (Cinfães) localiza-se também o **cruzeiro de Santa Eulália**, assim como o **calvário de Souselo** ¹¹.

As **habitações** na bacia do Paiva, na sua generalidade, assentam numa tipologia arquitectónica beirã, sendo compostas de um rés do chão, que funcionava como corte de gado e loja onde eram guardados os utensílios e colheitas agrícolas, e um primeiro andar, que servia de habitação. Os materiais usados eram autóctones: o granito e o xisto, para a base do edifício, a madeira e o tabique, para as paredes e o colmo, lousa ou telha para a cobertura ².

Estas habitações tradicionais localizavam-se nas duas margens do rio, sobretudo na direita, aproveitando a boa exposição solar, normalmente voltada a sul e o abrigo dos ventos ².

Na bacia do Paiva, os povoamentos ocorrem desde as margens dos rios, até às áreas planálticas serranas, onde existem aldeias a cotas superiores a 1 000 metros. Nos povoamentos, as casas encontram-se agrupadas, *"formando ruas e ruelas caprichosas, crescidas ao acaso segundo as necessidades da época"* (Silva, 1999) ².

O forno era uma estrutura importante na casa, pois aí era cozinhado o pão, elemento principal da alimentação e sustento da casa. Encontrava-se junto à lareira ou no exterior ².

Junto às habitações, normalmente existiam **espigueiros** (ou canastros), que tiveram grande utilização a partir do Século XVIII, quando se intensificaram as culturas de milho graúdo. Aqui, eram guardados os cereais secos. *"A estrutura obedece a um plano rectangular, sendo delgados e compridos, e o telhado, regra geral, é de duas águas"* (Silva, 1999). O material constituinte variava de acordo com a sua localização. Nas zonas serranas de Arouca, Castro Daire, Cinfães e São Pedro do Sul, eram de granito. Em Moimenta da Beira, Vila Nova de Paiva e nas áreas mais próximas do rio até junto da foz, eram construídos em madeira, com pés de granito. Em Montemuro e Arada, os canastros possuem em cima, cunhais de granito, sendo que nas zonas mais altas, são mais fortes e robustos, para resistir aos ventos ².

As paredes, com ripas verticais, possibilitavam a passagem de ar. A cobertura podia ser em lousa, colmo ou telha e a porta localizava-se num dos topos. Também se podem encontrar *"canastros decorados no ripado com figuras geométricas e, por vezes, pintados com cores garridas"*, embora estes sejam mais raros. As dimensões reflectiam a riqueza do proprietário e as suas necessidades ².

Perto da casa, localizava-se também a **eira**, uma estrutura de apoio à actividade agrícola, onde eram debulhados, malhados e secos os cereais e outras culturas. Possuía uma forma rectangular ou quadrada,

sendo a dimensão dependente da quantidade das colheitas. Eram constituídas por lajes de granito ou ardósia, por vezes aproveitando os afloramentos rochosos existentes. Possuíam uma única entrada ².

Frequentemente, associados aos canastros, eiras, à casa e própria propriedade, surgiam **palheiras** ou **casas de eira**, onde eram guardados "*objectos, alfaias agrícolas, fenos e palhas*". Eram edifícios simples e grande parte das vezes amplos, que também podiam ser usados para secar alguns produtos, como cebolas e alhos, entre outros. O material de construção costumava ser a madeira e o colmo, lousa e telha para a cobertura, embora nas casas mais ricas usassem materiais mais resistentes ².

Uma das povoações mais relevantes da bacia do Paiva é a Drave, em Arouca. A **Aldeia de Drave**, também designada por Aldeia Regional do Lugar de Drave, localiza-se na meia encosta, entre a serra da Freita e serra de S. Macário, junto a três pequenos cursos de água: rio Palhais, ribeiro da Bouça e ribeiro do Ribeirinho. Possui cerca de vinte casas, muitas das quais já em ruínas, ao longo da vertente, formando um "*núcleo de povoamento escalonado, comunicante por apertadas ruas de traçado sinuoso*". A capela, a meio da aldeia, constitui o único edifício caiado; é pequena, com uma só nave, possuindo na fachada principal um "*portal axial, terminando em empena triangular*". A sua localização isolada provocou o seu abandono, sendo que há alguns anos, vivia apenas um casal. Recentemente, foram restauradas algumas casas, mas ainda se podem ver as ruínas das habitações de xisto, distinguindo-se compartimentos para as pessoas e para o gado, características deste local. A aldeia encontra-se em vias de classificação, sendo o despacho de Abertura de 28 de Agosto de 1996 ⁹.

Na área da bacia, podem encontrar-se também diversas **casas solarengas**, ligadas com a história da região, assim como alminhas ou nichos, que se encontravam junto às estradas ².

Em Bairros (Castelo de Paiva), localiza-se a **Quinta Fisga** que, juntamente com os pátios e jardins, se encontra classificada. Trata-se de uma propriedade isolada, situada a meia encosta, rodeada por um muro, possuindo uma entrada monumental axial. O edifício principal possui uma planta rectangular composta, com vários volumes articulados, de dois pisos, que terminam em três torres paralelepípedicas de três pisos. A torre central possui merlões, enquanto as laterais têm coberturas piramidais. Ao lado, encontra-se a capela, unida ao solar por um passadiço superior. Foi construída nos Séculos XVII e XVIII¹¹.

Em Travanca (concelho de Cinfães), localiza-se o **Solar de Miragaia**, com capela adossada, datando do Século XVII. Encontra-se próximo de uma praia fluvial, tendo, em 1991, sido adaptada a turismo de habitação. Nesta freguesia, encontra-se também a **Casa do Souto** e **Casa do Loureiro** (que possui uma capela dedicada a Santo António) ¹¹.

Em Souselo (Cinfães), encontram-se a **Quinta de Vila Meã** e a **Quinta da Ramada** ¹¹.

Na foz do Paiva, no local onde desagua no rio Douro, existe uma ilha: a **ilhota do Outeiro**, também conhecida como Ilha dos Amores. Apesar de se encontrar em território do concelho de Cinfães, pertence ao município de Castelo de Paiva. Encontra-se rodeada de vegetação natural, por um lado, sendo que, em Castelo de Paiva, se encontra um complexo recreativo, com piscinas, restaurantes, assim como uma praia fluvial. Trata-se de uma *"elevação homogénea de perímetro ovalóide regular, com afloramentos e blocos graníticos ciclópicos dispersos pela borda de água, exceptuando um pequeno areal por onde se faz o acesso"* ¹¹. Na ilha, a vegetação arbórea é constituída por amoreiras, sobreiros, pinheiros e oliveiras. Foram aqui descobertos vestígios arqueológicos. Actualmente, este local possui actividade turística, tendo aqui sido criado um parque de merendas. No Verão, existe um barqueiro que atravessa o rio transportando as pessoas para a ilha.

Nas proximidades do rio, existiam **moinhos**, já desde épocas medievais. Era aqui que, com a ajuda das mós, eram moídos os cereais: centeio, trigo, bolota, casca de noz e, mais tarde, o milho. As mós podiam ser de dois tipos: manuais e fixas. *"As manuais eram rotativas de accionamento directo. Consistiam no movimento de uma mó móvel, mais leve (a andadeira), que dispunha de um pequeno orifício ou furo (olho da mó) ao centro, no qual se introduzia o cereal. Numa das extremidades podia existir um furo, destinado a colocar um pequeno pau ou ferro para tornar mais fácil a rotação. Esta assentava sobre uma outra fixa. Do resultado desta rotação e arrastado pelo seu movimento, o cereal era triturado. (...) As mós fixas encontravam-se nos moinhos de água. Eram o género mais vulgarizado e encontravam-se fora do leito do rio, por vezes até em pequenos regatos, de modo a evitar as consequências resultantes de enchentes"* (Silva, 1999) ².

Normalmente, os moinhos eram construídos com granito ou xisto e cobertos com palha ou lousa. Podiam pertencer a consortes, existindo uma escala que definia os dias em que cada um moía os cereais ². Os moinhos possuem actividade cíclica, parando no verão, quando a água é pouca, de modo a ter água suficiente para regar os campos ¹.

Na bacia do rio Paiva, os moinhos possuíam uma roda horizontal, com "rodízio de penas". *"Era sobre esta roda que, através do cubo, era lançada a água sob pressão, que accionava o rodízio, que por sua vez transmitia a força através do eixo que movimentava a mó móvel, assentada sobre uma outra fixa. O grão era lançado através da moega por um pequeno orifício existente na mó superior. Como consequência da sua fricção entre mós este era triturado. A farinha mais ou menos fina, consoante as necessidades, obtinha-se por maior ou menor afastamento entre mós"* (Silva, 1999) ².

Na freguesia de Alvarenga, existem cerca de quarenta e um moinhos, estando cerca de 19 em funcionamento, dos quais 6 pertencem à **Carreira de Moinhos de Alvarenga** ¹. Esta carreira é

constituída por 17 moinhos de rodízio, em carreira, sendo este caso considerado como único em Portugal. Localiza-se em carreiros, lugar de Cimalhas. Aqui, a água é conduzida através do Inedário “Rego do Boi”. É constituída por edificações construídas em xisto, sendo cobertos por ardósia. Segundo Pinho Leal, estes moinhos datam do Século XVIII, existindo registos da compra e venda destes moinhos referentes ao Século XIX. No entanto, a lenda e o povo indicam a origem dos moinhos na Idade Média. No entanto, um destes moinhos (o primeiro da carreira) deixou de ter água em 1970, devido a uma obra que a Hidráulica do Douro realizou no Rego do Boi, tendo este sido alargado e reforçado com pedra e cimento ^{1,13}.

O **Moinho de Melo**, até há pouco tempo em funcionamento, era um dos maiores, senão mesmo o maior, dos moinhos junto ao rio Paiva. Encontra-se numa zona serrana, tendo provavelmente abastecido uma vasta área em redor, abrangendo as freguesias de Bairros e Real (na margem esquerda, no concelho de Castelo de Paiva) e Travanca e Fornelos (na margens direita, pertencentes ao concelho de Cinfães). Da construção restam as suas ruínas, podendo ainda observar-se as suas paredes em xisto, com as ombreiras e padieiras de portas e janelas em granito. Este moinho é constituído por dois edifícios: uma casa de habitação, com várias janelas e portas voltadas para o rio, e o moinho, propriamente dito, com janelas e porta ao lado do Paiva, postigos laterais e os caboucos (parte inferior do moinho) na parede do lado sul. Este moinho segue o mesmo modelo dos que se encontram na parte superior do rio (desde a nascente até Castro Daire), apresentando a casa de habitação separada. Os caboucos são de um grande tamanho, tendo possuído cinco mós. Junto ao moinho encontra-se um grande e comprido canal, paralelo ao rio, onde passavam as levadas que o alimentavam, fazendo movimentar as suas mós e moer os cereais ¹.

No lugar do Ratão, encontram-se dois moinhos. Na margem esquerda encontra-se o **Moinho do Ratão**, enquanto na margem direita, situa-se o **Moinho do Barrote**. Embora os dois se encontrem em funcionamento, o Moinho do Ratão, que possui quatro mós, mói durante todo o ano, enquanto que o outro só o faz no Verão. Tal como o Moinho de Melo e os moinhos de Castro Daire, o Moinho do Ratão possui também a habitação separada, num local mais elevado da margem, para evitar os problemas de cheias ¹.

A água era desviada do rio, através de sistemas de condutas, chamadas levadas. Estas eram construídas em granito ou escavadas em troncos de madeira. Além de conduzirem água para os moinhos, levavam-na também para os campos que regavam. Os direitos das levadas eram estabelecidos na comunidade pelos utilizadores e, por vezes, havia transmissão de regras do direito consuetudinário. Mais recentemente, foram construídos moinhos eléctricos, instalados dentro das casas ².

¹³ www.cm-arouca.pt

Nos **pisões**, eram apertados os tecidos caseiros, que anteriormente eram fiados nos teares manuais: linho, burel e lãs. Na operação de apisoamento, *"o pano batia-se fortemente em molhado para se apertar a trama e a teia, convertendo-o numa pasta homogénea, espessa e forte"* (Silva, 1999) . Esta operação servia também para limpar resíduos de gordura e sujidade das lãs ².

Os pisões eram construções abundantes, tanto no rio Paiva, como nos seus afluentes. No baixo e médio Paiva, não existem elementos escritos que provem a sua localização, mas era muito provável a sua existência. Existe ainda a memória do **pisão de Vau** (em Canelas, Arouca), embora já não permaneçam os seus vestígios.

Era também frequente a existência de **lagares de azeite**, na área desde Castro Daire até Castelo de Paiva, onde era fabricado o azeite. No concelho de Arouca, existiam duas oficinas em Canelas e outra na Espiunca, em Sarabigões, sendo este puxado a boi ^{1,2}. *"O sistema de funcionamento é de extraordinária simplicidade. A azeitona era normalmente trazida pelos fregueses em carros de bois. Depois de lavada, era deitada num moinho, onde um par de mós, que assentava sobre um vaso, procedia ao seu esmagamento. Como consequência disto, resultava uma massa espessa colocada em seiras, que depois eram prensadas, para assim se proceder à extracção do azeite. Como auxiliar, recorria-se à água quente. Água essa aquecida numa caldeira alimentada pelo bagaço, depois de espremido. Seguidamente, e numa forma primitiva, era por decantação que se procedia à separação do azeite da água e de outros resíduos"* (Silva, 1999) ².

Normalmente, após a operação de moagem da azeitona, existia um convívio, em que se comia a "bacalhoadá", regada com o azeite quente acabado de fazer ².

A transposição entre as margens do rio era efectuada por pontes ou, nas áreas mais próximas da nascente, por poldras. Eram construídas em madeira, granito ou xisto. O gado e os rebanhos atravessavam o rio nas zonas mais baixas, ou seja, a vau ².

As **poldras** consistiam em pedras colocadas separadas no leito do rio. Podiam ter forma quadrada ou triangular na zona voltada para a corrente e eram atravessadas tanto por pessoas, como por animais. Actualmente, ainda se conservam algumas, especialmente no concelho de Castro Daire ².

Algumas pontes possuíam quebra-correntes, de modo a exercer resistência à força das águas, particularmente na época de Inverno em que o caudal do rio e a sua velocidade aumentam. No entanto, a força do rio, não permitiu a conservação de muitas das pontes que atravessavam o rio Paiva, sendo que existiam já algumas anteriores à época romana. Actualmente, muitas das pontes existentes datam da época moderna, dos Séculos XIX e XX, embora ainda se encontrem vestígios de construções medievais. Por exemplo, entre as nascentes e Segões, existem 14 pontes ou pontões.

Em Arouca, as pontes mais relevantes são duas: em Alvarenga e na Espiunca.

A **Ponte de Alvarenga**, sobre o rio Paiva, localiza-se num local onde o rio passa entre escarpas apertadas. Com características barrocas, a ponte é composta por um tabuleiro horizontal, sobre dois arcos desiguais, de volta redonda: um central largo e alto e outro lateral estreito e baixo. Os seus arcos são designados por “Córrego da osseira” e “dos pescadores” ¹. Data do Século XVIII, tendo sido projectada por Francisco Gonçalves, a mando do bispo de Lamego, D. Manuel de Vasconcelos e mais tarde, mandada terminar por D. Maria I ⁹.

Segundo Pinho Leal, é provável que aqui tenha existido uma outra ponte, presumivelmente com origem romana, do tempo do Imperador Trajano, que ruuiu ou foi destruída ¹. Foi mandada em 1770, tendo ficado finalizada em 1791, com dinheiro pago pelos concelhos de Feira e Lamego. A necessidade desta ponte deveu-se ao facto de um prelado de Lamego, D. Manuel de Vasconcelos Pereira, que por aqui passou ter corrido o risco de morrer naufragado, quando atravessava o rio num barco. O local onde o Bispo correu risco de vida ficou conhecido com “Poço do Bispo” ^{1,2,13}.

A ponte tem uma altura de 20,80 metros, possuindo dois arcos de volta inteira, um destinado às águas do rio e outro para os pescadores. Em cantaria, possui extensões de vão de 16,40 e 2,5 metros. Possui um comprimento de 42 metros e uma largura de 4,33 metros, ligando as freguesias de Canelas e Alvarenga, nas margens esquerda e direita do rio, respectivamente ². Do lado direito, assenta numa plataforma rochosa elevada, enquanto à direita desce até ao nível da água. As guardas são em silharia de granito e o pavimento em asfalto. Na zona em que se encontra sobre o rio Paiva, este corre numa garganta apertada, em que as margens são formadas por encostas escarpadas de granito com bastante vegetação. ¹¹.

“Antes da ponte, as serras, na constante postura que aqui assumem de cavalos de crista redonda, abrem-se mais para a passagem do rio, possuem os flancos distendidos, com menor declive e dando maior largueza. Mas a partir da ponte como que se fecham em conluio com as rochas para dificultar o correr das águas, formando aguçadas vertentes muito altas e de grande inclinação” (Pignatelli, 1998) ¹.

A **Ponte da Espiunca** (também no concelho de Arouca) possui uma altura de 14 metros, comprimento de 57 metros e largura de 5 metros, ligando Espiunca ao lugar de Vila Viçosa. Foi construída em 1958, sendo que antes da sua construção a ligação entre as duas margens era feita por barco, tendo aqui existido um barqueiro. É construída em cimento armado, com um arco em elipse ².

Em Castelo de Paiva e Cinfães, destacam-se as pontes do Melo, do Loureiral e das Caninhas, que unem os dois concelhos ².

A **Ponte do Melo** efectuava a ligação entre as freguesias de Travanca (em Cinfães, na margem direita) e Bairros (em Castelo de Paiva, na margem esquerda). Possui um único vão, estando assente em dois suportes de xisto, um em cada margem. Na parte superior, tem barras de ferro, que servem para desviar a força para os lados. Tem um comprimento de 20 metros, largura de 3,5 metros e altura de 11,80 metros. Actualmente, encontra-se em estado de degradação podendo observar-se, próximo, vestígios de uma casa e um moinho com quatro mós, onde a água do rio era conduzida através de um canal ².

A **Ponte do Loureiral** situa-se no lugar da Carvalha, na freguesia de Travanca, em Cinfães. Em granito, possui um comprimento de 72,40 metros, e largura de 4,03 metros. É formada por um arco abatido, com um vão de 20 metros e um arco de volta inteira de 3 metros ².

A **Ponte de Caninhas** localiza-se no lugar do Castelo, em Fornos (Castelo de Paiva), ligando-o a Escamarão, em Souselo (Cinfães). De granito, possui um comprimento de 122,4 metros e largura de 4,20 metros. A distância entre guardas é de 5,37 metros. Possui três arcos de volta inteira, sendo que o do meio, o principal, tem um vão de 26 metros e os laterais de 14 metros. Foi edificada em 1901.

Além das poldras e pontes, o rio podia ser atravessado por meio de **embarcações**, em locais onde a profundidade do rio o permitia. Os barcos ligavam as margens em Pinheiro e Avitureira (em Castro Daire), Meitriz, Paradinha, Vau e Espiunca (em Arouca) e daí até à foz, em vários locais. Com a construção das novas pontes, este método de atravessamento foi abandonado.

As embarcações designavam-se por barcos ou barcas, sendo muito parecidas com os valboeiros do Douro. *"A sua estrutura era muito simples, sendo o sagro ou fundo achatado, constituído por pranchões pregados de encosto. A esta parte, que era uma das mais resistentes, acrescentava-se a ouça da ré e da vante, a que se seguiam as paredes laterais, normalmente dispostas no sistema de escamas"* (Silva, 1999) ².

Em Espiunca (Arouca), durante o Século XVIII, havia aqui um barqueiro, de seu nome Manuel Rodrigues, que não aceitava a administração existente e, por essa razão, se recusou a transportar pessoas entre as duas margens, tendo sido condenado a prisão e a pagar multas ao concelho de Alvarenga ².

Um outro método de atravessamento era através de "uma espécie de cesta assente numa roldana e puxada progressivamente pelos ocupantes de uma margem para a outra", tendo existido em Avitureira (Cabril, Castro Daire) ².

"Na margem direita [de Meitriz], que é menos abrupta que a esquerda, habitava uma barqueira, a Joaquina, que fazia a passagem do rio a guincho, segurando o barco a uma ariosta de arame de um lado ao outro" (Pignatelli, 1998) ¹.

Quanto à **gastronomia**, destacam-se, na bacia do Paiva, as trutas ou as bogas fritas polvilhadas com o sumo de bagos de uva, carne de bovino arouquês, cabrito, arroz de salpicão e cozido-à-portuguesa. Alvarenga, em Arouca, é famosa pela sua culinária, tendo as especialidades de bifes e carne assada, assim como o Montemuro é conhecido gastronomicamente pelo seu cabrito e cozido ².

Arouca possui também bastante relevância na região, relativamente a doçaria conventual, cuja tradição na confecção deriva das freiras que habitaram o Convento de Arouca. São de destacar as “castanhas doces”, o “manjar de língua”, as “barrigas de freira”, as “roschas de amêndoa”, os “charutos de amêndoa”, as “morcelas doces”, a “bola de S. Bernardo”, o “pão-de-ló”, as “cavacas” e os “merlindes” ¹³.

Na bacia do Paiva, podem encontrar-se diversos produtos de **artesanato**, tais como: campainhas para gado (em Caril), cestaria (em Rossão), chapéus de palha (no Picão), ferro forjado (em Cabril), lataria (em Mões), cortiços (em Nespereira), produtos de lã (em Cabril, no Picão e em Canelas) e de tecelagem (em Cetos e Cabril). Existiam actividades tradicionais nesta área, como os carpinteiros, cesteiros, funileiros, capadores, tecedeiras e carvoeiros, que têm vindo a desaparecer. No entanto, têm-se criado várias associações, como a Associação de Lançadeiras do Picão, que tenham reavivar estas actividades e as tradições ².

A bacia hidrográfica do rio Paiva conta com várias serras: Leomil, Montemuro, Gralheira, S. Macário e Freita, onde se localizam vários **locais de culto e invocações marianas**, sendo de referência o S. Macário, Senhora da Ouvida e o Senhor das Portas de Montemuro. Anualmente, todas as aldeias celebram o seu orago e comemoram as festas aos santos populares. Há também as **festas** anuais, como as feiras de gado (principalmente em Montemuro), onde decorrem lutas de bois. Existem feiras mensais em Alvarenga (nos dias 8 e 24) e em Nespereira (no dia 4), entre outras freguesias ².

Nesta área, existiam vários **jogos tradicionais**, como o jogo da ramira (que consistia num pau afiado que se espetava para derrubar o adversário), o jogo da macaca (para as raparigas), o esconde-esconde (também conhecido por cabra-cega), o jogo da malha, salto à corda, barra, muletas, jogo de forças e trepar a um mastro ensebado ².

Esta é uma área de grandes **tradições** e diversas **lendas**, tendo algumas como palco o próprio rio Paiva.

A freguesia de Espiunca encontrava-se dividida pelo rio, separando Vila Viçosa. Antes da construção de um cemitério neste lugar, em 1908, os mortos eram enterrados na Igreja Paroquial de Espiunca e os ataúdes tinham que atravessar o rio Paiva, sempre no mesmo barco. Os féretros passavam juntamente

com a família e amigos e o mais dedicado atirava uma moeda para o caixão, para pagar o transporte do corpo para que *"a sua alma não ficasse errante pelas margens do Paiva"* ².

Outra tradição, nesta freguesia é realizada no dia de S. Martinho, a 11 de Novembro, quando toda a população, juntamente com os amigos e visitantes, celebra em frente à igreja, com a distribuição de castanhas assadas aos presentes ².

Em Cabreiros, Candal e Covelo de Paivó, costumavam realizar procissões ao Coto do Nabo (local de grande altitude que marca o limite das freguesias, assim como dos concelhos e distritos), na primeira sexta-feira e sábado de Junho, para *"afugentar os roedores que destruíam os frutos"* ².

Também a matança do porco era motivo para celebração. *"Nada se perdia e tudo se transformava. O sangue para fazer papas de sarrabulho e morcelas. As partes gordas derretiam-se e convertiam-se em pingue para os fritos. Coiratos, presuntos, unhatos e outras partes eram metidas na salgadeira, para serem consumidas, conforme a necessidade o justificasse, ou então por ocasiões festivas, como era o caso do Carnaval, onde não podia faltar a orelheira. O povo diz e com razão: «O porco é o talho da casa»."* (Silva, 1999) ².

Na noite de consoada, toda a família se reunia em volta da mesa, comendo-se batatas com couve tronchuda e bacalhau e, como sobremesas, rabanadas, aletria, formigos e filhoses, sendo, no dia seguinte, aquecidos e comidos os farrapos (restos).

Nas Janeiras e Reis, os homens reuniam-se, com instrumentos musicais e um saco de oferendas e iam de casa em casa, a entoar quadras aos donos das casas. No Carnaval, além dos mascarados, havia dois bonecos (um compadre e uma comadre), que eram colocados num andor, percorriam as ruas do lugar e, no final, eram queimados. Neste dia, comia-se carne de porco, orelheira e focinho e sopa seca. Também o S. João era celebrado com fogueiras, água e ervas aromáticas e sagradas, como o alecrim, manjerico e o rosmaninho, entre outras. No S. Pedro, era costume os rapazes roubar carros de bois, instrumentos agrícolas, vasos de flores e outros objectos, que depois eram colocados no adro da igreja, para que os donos os fossem buscar na manhã seguinte. No dia de Todos-os-Santos, eram realizados magustos e feito um baile ².

Uma das histórias que se conta em Alvarenga é a **Lenda de Rego do Boi**, associada à Carreira de Moinhos aqui existente.

"Alvarenga e Nespereira, duas freguesias vizinhas, desde os primeiros tempos se envolveram em rixas por diversas razões, mas a principal era pela simples razão que tanto os campos de Alvarenga como os de Nespereira necessitavam de água e só havia um sítio onde a ir buscar. Era á nascente do Rio Ardena, afluente da margem direita do Rio Paiva, situado na Serra de S. Pedro do Campo, um contraforte do Montemuro, virado para o vale de Nespereira. De vez em quando havia pancadaria entre os agricultores das duas freguesias pela disputa da água.

Passados anos e anos as populações resolveram fazer as pazes, E para resolver a questão fizeram o seguinte acordo:

'A água será daquela freguesia que primeiro fizer um rego, tirar a água e puser um moinho a andar em menos tempo'.

Os Nespereirenses, bem confiantes no bom declive do seu terreno, meteram mãos à obra, abrindo o rego e construindo o moinho. Pelo lado de Alvarenga não se via trabalho nenhum, e vendo isso, os Nespereirenses convenceram-se que Alvarenga tinha desistido e continuaram os seus trabalhos com lentidão e despreocupados.

Pelo sopé da Sr^a do Monte descendo de Bustelo para Alvarenga, uma mulher passava o dia a fiar. Não se tratava de uma mulher a fiar, mas sim um homem disfarçado que estava a marcar o sítio por onde iria passar o futuro rego. Depois deste trabalho feito o povo de Alvarenga juntou-se toda uma noite sem luar, e antes que o sol nascesse tinham aberto um rego para transportar água suficiente para pôr o moinho a andar. E quanto ao moinho, a outra parte do acordo? Isso se resolveu com a astúcia do Alvarengueses de então. Ver que o acordo dizia, "Pôr um moinho a andar" e não "Um moinho a moer" e a população pôs um rodízio com uma mó assente sobre uma grade de ferro, que com água ele começou a anadar cumprindo-se a outra parte do acordo.

Mais tarde, quando os de Nespereira viram o rego ficaram espantados mas não preocupados, pois pensavam que os de Alvarenga ainda não tinham cumprido a outra parte do contrato, a construção do moinho. Os de Alvarenga disseram-lhes então que isso já estava feito. Eles porém não se queriam conformar e discutiram, já que, diziam, o moinho não estava a moer, mas somente a andar. Mas o que estava escrito era «pôr o moinho a andar» e isso verificava-se, perdendo assim a população de Nespereira a aposta com o povo de Alvarenga. E deste modo o vale de Alvarenga conseguiu água suficiente para regar os seus campos. Para festejar tal facto o povo assou um boi dos maiores e mais gordos que havia na freguesia, acompanhado do vinho da região. Devido a isso aquela obra passou a chamar-se "Rego do Boi" (Pignatelli, 1998) ¹.

Esta lenda encontra-se ligada à carreira de Moinhos de Alvarenga, tendo sido a partir desse moinho que se foram construindo outros, pela monte abaixo, até a carreira possuir vinte mós. Nas imediações surgiram duas povoações: Granja e Carreiros ¹.

Existe também uma lenda associada a um ponto do rio no seu percurso entre Alvarenga e Espiunca. Trata-se de um local, na margem esquerda, onde entre as pedras, existe uma rocha maior, que forma uma espécie de banheira natural, "cheia de veios esverdeados dos líquenes e do próprio xisto nos bordos, metida á fraga, de cor rosada no fundo" (Pignateli, 1998). Aqui, se criou uma história de uma moura encantada, que permaneceu nesse rochedo, intitulada "O Açude de Zaida":

*"Naquela rocha sagrada,
Metida no xisto negro,
Cheia de veinhos verdes
Tinha com ela um segredo,
Naquela rocha cavada.
Aquela rocha cavada
Ficava perto do açude
E ali vivia uma moura
Que a enchia a almude.
Aquela rocha cavada.
Era o açude de Zaida,
Era um açude no Paiva.
Quando a rocha estava cheia
Zaida nela se banhava,
E a alegria voltava
Quando soltava os cabelos
Como lembranças soltava,
Quando retirava os brincos
Duas luinhas de prata,
Naquela rocha cavada.
Era o açude de Zaida
Era um açude no Paiva
Diziam no povo todo
Que no dia de Ano Novo,
Se ouvia falar de amor
Naquela rocha cavada.
E que de manhã quem fosse*

Ao açude da levada,

Via pedrinhas de prata

Choro de moura encantada.

Era o açude de Zaida

Era um açude do Paiva" (Pignateli, 1998) ¹.

O **Pego Negro** é um local da freguesia de Bairros (Castelo de Paiva), cujas águas são escuras e profundas, estando associado a este local uma lenda de um tesouro guardado por uma moura encantada.

"É um lugar de silêncios, águas largas, árvores curvadas e debruçadas sobre elas. Quem poderá penetrar naquele Pego, naquele lugar mais fundo do rio onde se conta que permanecem submersas todas as riquezas de uma Moura Encantada? Desse tesouro oculto naquele abismo, diz-se que avultavam uma grade e dois bezeros de ouro. Deviam ser grandes e pesados, talvez maciços, que diz a lenda que o homem que um dia se atreveu na sua procura e os conseguiu tirar do fundo do rio e arrastá-los até ao cimo do monte o fez com grande esforço. Fôlego para os fazer emergir das águas à superfície, pulso e ombros para os carrear monte acima.

Mesmo com a fibra dos paivenses, a «substância» que uma boa posta de truta metida em broa caseira e o vinho cheio de pique e aquecedor consegue dar a um homem, o certo é que o mergulho e a caminhada o cansaram deveras. Parou um momento para retemperar forças e adormeceu.

Sabe-se como os guardiões destes tesouros encantados são ciosos dos seus haveres, sejam eles duendes, fadas ou mouras encantadas. A não ser quando, por sua livre vontade e os augúrios de que dispõem, decidem muito raramente presentear com eles os mortais. A eles estão e permanecem ligados.

Ora acontece que a Moura do Pego Negro estava de atalaia.

E quando esgotado pelo esforço o homem dormiu um bocado, ela lançou-se sorrateira monte acima tratando de recuperar o seu tesouro e de o arrastar de novo para o fundo das águas: e grade e os dois bezeros de ouro. E, segundo a lenda, lá permanecem no fundo das águas.

Dizem que olhando atentamente o rio naquele ponto, e em dias de muita luz, o tesouro brilha.

É verdade que as águas têm ali estranhas cintilações e que o rio escurece. Agora, se essa tonalidade mais escura provém dos jeitos ou véus com que a moura procura ocultar melhor as suas riquezas, e se o luzir vem de uma ou outra peça do tesouro menos bem resguardada quando tocada pelos raios de sol, isso é o que diz a lenda" (Pignatelli, 1998) ¹.

Diz-se que havia uma moura pintada numa parede interior da capela do Escamarão.

«- A roupa dela era em cardinal, com uma bengala azul na mão. Pintavam por cima, mas a pintura não saía. Até que tiveram que picar a pedra» (Pignatelli, 1998) ¹.

No Escamarão, existe a lenda do **Penado do Escamarão**, referida no livro de Adriano Streckt de Vasconcelos "Lendas e tradições de Castelo de Paiva".

"Segundo a história contada por Adriano Streckt, Dom Lopo da Cardia tomou-se de afeição por Maria, filha de um foreiro do Lugar de Aversadas, onde lhe cultivava as terras. Querendo desfrutar-se da rapariga, pretendeu usar da prerrogativa feudal do direito de pernada, impondo-lhe um marido, para depois com ela passar a noite de casamento.

Maria contudo escolhera a vida de monja. E quando na Capela do Escamarão, perante o povo que a enchia, o sacerdote paramentado procedia ao cerimonial de aceitação dos votos da prometida de Cristo – renunciar ao mundo e obedecer à regra de S. Bento, viver em pobreza, abstinência e castidade – Dom Lopo irrompeu porta dentro, protestando enraivecido contra a usurpação dos seus direitos.

Num gesto sacrílego e de profunda arrogância, apoderou-se de Maria e pretendeu concretizar a sua luxúria levando-a para sua casa senhorial, o Paço da Cardia.

O castigo de Deus foi implacável.

Do opulento solar de Cardia para onde se dirigiu o senhor feudal, só encontrou ruínas. Tornando ao Castelo, ao Castelo na foz do Paiva, mal põe o pé na ponte elevadiça o morro onde se situava estremeceu. O Castelo ruiu num repente, esboroou-se nas águas e Dom Lopo com ele, atingido de morte.

Quando depois lhe recolheram o corpo para o sepultarem, nem a terra nem a tumba o aceitaram. Na igreja,

«... a entrada, lhe vedou a imagem

Do Anjo S. Miguel, que era descido

Do seu altar e com o seu montante

Da porta é sentinela vigilante».

A arca de granito onde se propunham guardar os restos mortais de Dom Lopo igualmente o rejeitou, erguendo-se e permanecendo ao alto, e os esforços para o enterrarem na terra foram baldados, que nem a terra o quis. O corpo do devasso Senhor desapareceu na noite desse dia e na noite dos tempos.

(...) A arca tumular, essa permanece no local, vazia e ao alto, hoje a servir de apoio a uma escada de uma casa fronteira à igreja.

E, seguindo a trama da história e a crença do povo que diz que «... em certas noites tempestuosas se ouve, perto da igreja do escamarão, uma voz lamentosa cantar o Miserere», acrescentando também que faz soar uma campainha (...)" (Pignatelli, 1998) ¹.

Na Espiunca, existe a história de uma personagem verídica: o Barqueiro da Espiunca, que impediu a construção de uma ponte.

"Há trinta, quarenta anos, na Espiunca não havia ponte e a passagem do rio ficava por conta de um barqueiro, ao que consta um tamanho de um homem, de proporções avantajadas, pois o povo regista ainda na memória a sua enorme envergadura e os seus excessos gastronómicos.

«Era um homem para virar inteiro um cântaro de vinho... Chegava a aviar omoletes de vinte e cinco ovos» - disseram-nos alguns que o conheceram.

Teimoso, valentão e influente.

O barco, que manejava à vara, com a ajuda do filho, rendia-lhe mais que uma quinta. Gente, madeiras, pipos de vinho, gado, passava tudo de um lado para o outro do rio, e a actividade rendia-lhe bastante.

Para os povos em redor, de Arouca, Nespereira, Cinfães, Vila Viçosa, esse era o meio mais directo de cruzar a Paiva, e o barqueiro possuía quase um monopólio desse serviço, se bem que já existisse nessa altura a Ponte de Alvarenga, bem antiga, mas muito mais distanciada.

Desta forma, toda a gente entrava de combinação com o barqueiro para o atravessamento. Muitos lhe pagavam em géneros, e haviam até os avençados que garantiam passagem por todo o ano a troco de um alqueire de milho ou de outros bens.

O barqueiro pedia conforme as possibilidades dos passantes e conforme igualmente a frequência das viagens.

Sorria assim a vida ao Manuel Barqueiro, era este o nome do homenzarrão, que foi vivendo com fartura e abundância, casando as filhas, a Maria, a Custódia, a Olinda e a Ermelinda, deixando-as todas arrumadas.

Mas um dia surgiu na Espiunca um Abade a quem se meteu na cabeça construir uma ponte.

O rio tinha ali largura, e uma ponte facilitava. « Uma ponte é que era!» - lá pensaria o Abade, que também se chamava Manuel.

Mas uma ponte estragava evidentemente todo o negócio do Barqueiro, lá ia a sua rica vidinha, e ele não esteve com maias medidas.

«Qual ponte! Aqui na Espiunca não há necessidade nenhuma disso. Pois então não tenho eu o barco, e a passagem não se faz na mesma?».

Pegaram-se o Abade e o Barqueiro de razões.

O Barqueiro também pescava, também tirava muito peixe do rio, com que presenteava os senhores da terra e arredores, tinha as suas influências.

A Abade, por seu lado, tratou de mexer as dele.

Parece que até pertenciam a partidos ou correntes políticas diferentes.

Mas o que é facto, é que neste jogo de teimas e de turras, o Abade teve que procurar para o projecto um sítio um pouco mais além da Espiunca, talvez em terrenos dos seus correlegionários, para ali tentar o empreendimento. Começaram a construir-se os pegões.

Contudo, o Barqueiro, que não era para graças, teimou na dele, e, ao que consta, se os pedreiros construíam de dia, ele de noite destruía o que tinham feito.

«-Chegou a meter lá tiros!» - contaram-nos.

E o certo é que aquela ponte ficou pelo projecto e não foi construída, que a teimosia do Manuel Barqueiro levou a melhor sobre a teimosia do Manuel Abade.

Ficaram para a posteridade, os restos dos Pegões da iniciada obra que ainda hoje se podem ver" (Pignatelli, 1998) ¹.

O rio Paiva serviu também de inspiração ao escritor Papiniano Carlos, que possuindo uma casa próximo do rio, em travanca, na sua margem direita, escreveu um romance intitulado "**Rio na Treva**", "*que fala como que por retratos vivos das terras e gentes da beira-rio, sobretudo na parte do Paiva mais chegado à foz*" (Pignatelli, 1998) ¹.

Património Natural

Na bacia hidrográfica do *rio Paiva*, podem encontrar-se diversos habitats, como "turfeiras, carvalhais, castinçais, bosques caducifólios, matos, lameiros, áreas agrícolas, vegetação ripícola, linhas de água com dinâmica natural e semi-natural em que a qualidade da água não apresenta alterações significativas².

Aqui, o tipo de vegetação natural é formado pelo carvalhal misto de Fagosilva, constituído por carvalhos, castanheiros e faias, com domínio do carvalho-alvarinho (*Quercus robur*) em toda a área da bacia, carvalho negral (*Quercus pyrenaica*), nas zonas mais altas e frias das serras e o castanheiro (*Castanea sativa*). A nível dos estratos arbustivo e subarbustivo, surgem espécies com o folhado (*Viburnum tinus*) e a gilbardeira (*Ruscus aculeatus*). No estrato herbáceo, surgem espécies como a pão com-queijo (*Primula vulgaris*), a *Luzula sylvatica* subsp. *Henriquesii* (um endemismo ibérico), as Orquídeas (como a *Cephalanthera longifolia* e a *Orchis morio* com a subsp. *Champageuxii* e a subsp. *Picta Arcangeli*, tendo a primeira flores brancas e as restantes flores violáceas), fetos (como o feto-real (*Osmunda regalis*), o feto-fêmea (*Athyrium filix-femina*), o feto-macho (*Dryopteris filix-mas*), o polipódio (*Polypodium australe*), a selaginela (*Selaginella kraussiana*), *Asplenium trichomanes*, *Asplenium onopteris* e *Blechnum spicant*²⁴.

Nas encostas voltadas a sul e, por essa razão, mais quentes, aparecem carvalhos de folha persistente, como a azinheira (*Quercus ilex* subsp. *Ballota* = *Q. rotundifolia*) e o sobreiro (*Quercus suber*)².

Ainda persistem na bacia do rio Paiva algumas destas formações florestais, que se localizam principalmente em "encostas escarpadas", que escaparam à extensa eucaliptização ocorrida².

Resistem também muitas comunidades arbustivas de matos (que representam etapas de degradação dos carvalhais), constituídos por urzes (com um predomínio da *Erica arborea*, *Erica umbellata*, *Erica cinerea* e *Calluna vulgaris*), giestas (principalmente *Cytisus scoparius*, *Cytisus stratus* e a *Genista florida*), tojos (*Ulex europaeus* e *Ulex minor*), carqueja (*Pterospartum tridentatum*) e também rosmaninhos (*Lavandula luisieri* e *Lavandula pedunculata*) e algumas espécies de Cistáceas, também conhecidas por estevas ou sargaços (*Cistus* spp., *Helianthemum* spp., *Halimium* spp. e *Xolantha* spp.). Nos locais mais altos das montanhas, surge a *Erica australis*. Nas zonas húmidas, onde há águas de escorrência, os matos encontram-se dominados também por outras espécies de urzes (como a *Erica tetralix* e a *Erica ciliaris*) e outra giesta (*Genista anglica*), assim como alguns musgos característicos (*Sphagnum* spp.), e por vezes plantas insectívoras (como a *Drosera rotundifolia* e a *Pinguicula lusitanica*)².

Nos solos profundos, encontram-se formações herbáceas em que dominam as Gramíneas, como a *Stipa gigantea*, a *Festuca elegans* (um endemismo ibérico), a *Arrhenatherum elatius*, a *Melica ciliata* subsp. *Magnolii*, *Koeleria crassipes*, *Aira praecox*, *Agrostis truncatula*, *Anthoxanthum amarum* (um endemismo ibérico) e a *Agrostis castellana*. Nestes prados, surgem também espécies raras, como a *Gentiana pneumonanthe*, os narcisos (*Narcissus triandrus*, *Narcissus bulbocodium* e o endemismo ibérico *Narcissus asturiensis*) e a *Knautia nevadensis*².

No entanto, nos lameiros de montanha, estas formações não evoluem para matos e bosques, devido à acção do homem. Nas elevadas altitudes, em redor dos carvalhais, surgem os prados de lima, sendo que aqui dominam as Gramíneas, como *Cynosurus cristatus*, *Danthonia decumbens*, *Molinia caerulea*, *Arrhenatherum elatius* e o cervum (*Nardus stricta*). Aqui, ocorrem também outras espécies herbáceas,

além das Gramíneas, como o endemismo ibérico *Paradisea lusitanica*, a arnica (*Arnica Montana subsp. Atlântica*), a *Scilla hyacinthoides*, o endemismo lusitano *Scilla ramburei Subsp. Beirana*, os jacintos (*Hyacinthoides hispanica*), os gladiolos (*Gladiolus illyricus*), as Orquídeas (*Dactylorhiza caramulensis*, *Cephalanthera longifolia* e *Neotinea maculata*) e vários juncos e afins (como o *Juncus acutiflorus*)².

Nas zonas rochosas aparecem as comunidades rupícolas, constituídas por fetos, como *Cheilanthes hispanica*, a doiradinha (*Ceterach officinarum*), *Asplenium billotii*, *Asplenium trichomanes* e o *Polypodium vulgare* e outras espécies vegetais, como plantas do grupo do arroz-dos-telhados (como *Sedum arenarium* e *Sedum pedicellatum*), as cravetas (*Dianthus lusitanus*), a dedaleira-da-montanha (*Digitalis thapsi*), o endemismo ibérico *Silene acutifolia* e gramíneas, como o endemismo do noroeste peninsular *Holcus gyanus*².

Relativamente a formações florísticas aquáticas na área das serras, destacam-se as lagoas das altitudes elevadas (onde predomina o endemismo ibérico *Antinoria agrostidea*), as comunidades das margens e lagoas, as dos charcos temporários, as das águas correntes (constituídas por ranúnculos pertencentes ao sub-género *Batrachium*, sendo exemplos o *Ranunculus hederaceus*, *Ranunculus peltatus subsp. Peltatus* e o endemismo europeu *Ranunculus ololeucus* e potamogetones (*Potamogeton spp.*)².

Também na área serrana, nas lagoas e charcos, surgem a *Antinoria agrostidea*, *Glyceria declinata*, *Eleocharis palustris* e espécies anfíbias, como *Phalaris arundinacea*, um hipericão (*Hypericum elodes*), uma Campanulácea (*Lobelia urens*), uma plantaginácea (*Litorella uniflora*), o embude (*Oenanthe crocata*), as rabaças (*Apium nodiflorum*) e uma pteridófita (*Isoetes velata*). As comunidades florísticas dos charcos temporários são dominadas por Ciperáceas (*Cyperus spp.* e *Carex spp.*), Juncáceas (*Juncus spp.*) e *Lythrum portula*, entre outras. Nas comunidades aquáticas das fontes e nascentes, podem encontrar-se miosótis (como *Myosotis discolor* e *Myosotis stolonifera subsp. Stolonifera*), Saxifragáceas (como *Chrysosplenium oppositifolium*), a *Montia fontana*, a *Wahlenbergia hederacea*, o morrião-palustre (*Anagallis tenella*), o agrião (*Nasturtium officinale*) e o endemismo do Norte de Portugal *Ajuga pyramidalis subsp. Meonantha*².

Nas áreas de planalto do alto Paiva, aparecem carvalhos-alvarinho (*Quercus robur*), misturados com a vegetação ripícola².

O rio Paiva nasce numa zona de turfeiras, actualmente em degradação devido à expansão da actividade agrícola. No entanto, ainda restam espécies como os musgos próprios de turfeiras (sendo exemplo os esfagnos (*Sphagnum spp.*)), de juncos (*Juncus squarrosus* e *Juncus bulbosus*), Ciperáceas (várias espécies do género *Carex*, como o endemismo ibérico *Carex asturica* e o *Carex fusca*), o morrião-palustre (*Anagallis tenella*), ranúnculos de flores amarelas (como *Ranunculus flammula subsp. Flammula* e *Ranunculus ophioglossifolius*), *Nardus stricta*, lentilha-de-água (*Callitriche stagnalis*) e *Wahlenbergia hederacea*. Também surgem espécies como a orvalhinha (*Drosera rotundifolia*) e espécies de orquídeas,

como o endemismo ibérico ocidental *Dactylorhiza caramulensis* ou as *Serapias cordigera* e *Serapias lingua*².

As galerias ripícolas deste rio ainda se encontram relativamente bem conservadas, podendo encontrar-se ao longo de todo o seu curso. Esta galeria é constituída por espécies como amieiros (*Alnus glutinosa*), freixos (*Fraxinus angustifolia*), a borrazeira-preta (*Salix atrocinerea*) e por vezes a borrazeira-branca (*Salix salvifolia*), variando a composição ribeirinha desde a nascente até à foz do rio².

À medida que o rio vai ficando com o leito maior, a sua vegetação ribeirinha vai-se diversificando, estando presentes mais espécies arbustivas e arbóreas. Esta vegetação é composta por várias espécies de juncos (principalmente *Juncus effusus* e *Juncus acutiflorus*), epilobio (*Epilobium obscurum*), mentastro (*Mentha suaveolens*) e poejo (*Mentha pulegium*), hipericão-bravo (*Hypericum undulatum*), embude (*Oenenthe crocata*), urtiga-maior (*Urtica dioica*) e silvas (*Rubus spp.*). Próximo das turfeiras perto da nascente do Paiva, começam a aparecer espécies arbustivas, como a urze-branca (*Erica arborea*), a borrazeira-preta (*Salix atrocinerea*), o sanguinho-de-água (*Frangula alnus*) e amieiros (como *Alnus glutinosa*). Sob estas espécies, desenvolvem-se plantas como algumas espécies de fetos (sendo exemplo o feto-fêmea (*Athyrium filix-femina*), o feto-macho (*Dryopteris filix-mas*) e o endemismo europeu feto-real (*Osmunda regalis*). Também surgem outras espécies que vão acompanhando a galeria ripícola, como a violeta (*Viola palustris*), o endemismo ibérico *Omphalodes nitida*, o endemismo lusitano *Centaurea nigra subsp. Rivularis*, o endemismo ibérico *Galium broteroanum* e a escorodónia (*Scrophularia scorodonia*). Nas clareiras da galeria ripícola aparecem espécies como *Baldellia ranunculoides*, *Veronica scutellata* e o endemismo europeu *Hypericum elodes*².

Nos locais onde as águas correm com menor velocidade, surgem, a flutuar, folhas dos géneros Potamogeton e Ranunculus (*subgen. Batrachium*) ou submersas das espécies de erva-pinheirinha (*Myriophyllum alterniflorum* e o *Myriophyllum verticillatum*)².

A partir da zona média do rio, começam a surgir outras espécies, como a erva-moederira (*Lysimachia vulgaris*) e o hipericão-do-gerês (*Hypericum androsaemum*). Nas margens mais largas onde ocorrem rochas emersas, e nos maiores areais, formam-se grandes tufos de Ciperáceas (*Carex spp.* e *Cyperus spp.*), espadana-de-água (*Sparganium erectum subsp. Neglectum*) de tábua (*Typha latifolia*) e juncos (*Juncus spp.*)².

Junto à água, aparecem o endemismo ibérico cinifólio (*Gratiola linifolia*), e nos prados das margens a cravina (*Dianthus hyssopifolius subsp. Hyssopifolius*) e o endemismo da Península Ibérica *Dianthus langeanus*, o endemismo ibérico *Armeria transmontana*, a salgueirinha (*Lythrum salicaria*), a saboeira (*Saponaria officinalis*) e uma espécie de violeta (*Viola riviniana*)².

Existam também outras espécies importantes que, embora não próximas do rio, se encontram na área da sua bacia hidrográfica. Assim, nos planaltos graníticos do alto Paiva, surge a verga-de-ouro (*Solidago*

virgaurea) e o baracejo (*Stipa gigantea*). Nos xistos, próximo de Codeçais, surge uma espécie de tojo endémica do norte de Portugal continental e Galiza meridional (o *Ulex micranths*). Mais a jusante, também nas áreas de xistos, surge o endemismo *Anarrhinum longipedicelatum*, que aparece tanto nas bacias do Paiva como do Vouga. Aparecem também duas espécies endémicas da Península Ibérica: o samacalo (*Anarrhinum durimum*), que cresce nos muros e margens dos caminhos, e o alecrim-da-serra (*Thymus caespitius*), em locais secos e pedregosos ².

A **fauna** na bacia do rio Paiva é bastante variada, “podendo considerar-se um dos últimos redutos de vida selvagem no nosso país” (Silva, 1999) ².

Este rio possui bastante importância para várias espécies, sendo algumas raras e ameaçadas. Exemplos são a lontra (*Lutra lutra*) e os endemismos ibéricos salamandra-lusitana (*Chioglossa lusitana*) e o lagarto-de-água (*Lacerta schreiberi*). A lontra pode ser considerada como um indicador “da integridade dos ecossistemas aquáticos”. Aqui também se pode encontrar a toupeira-de-água (*Galemys pyrenaicus*), que é um endemismo ibérico, que existe em áreas bastante restritas no norte de Portugal e Espanha e outros **mamíferos**, como a raposa (*Vulpes vulpes*); com uma distribuição diversa, o texugo (*Meles meles*), que se encontra próximo dos campos cultivados, o javali (*Sus scrofa*) cujo número tem aumentado nos últimos anos, a geneta (*Genetta genetta*), que surge em áreas de vegetação densa, o gato-bravo (*Felis silvestris*), actualmente bastante raro, o tourão (*Mustela putoris*), a doninha (*Mustela nivalis*) e o ouriço-cacheiro (*Erinaceus europaeus*) ².

Surgem também espécies de mamíferos com interesse cinegético, como o coelho-bravo (*Oryctolagus cuniculus*) e a lebre (*Lepus europaeus*), que se encontram em “matagais, campos abertos, terrenos agrícolas e nos bosques caducifólios” ².

Existem também populações de lobo (*Canis lupus*) nas áreas de Montemuro e no maciço da Gralheira, tendo esta decrescido devido à perseguição a esta espécie, à degradação do seu habitat natural e diminuição dos recursos alimentares ².

Em alguns locais, surgem os javalis, que descem aos povoados em busca de alimento, como espigas de milho, castanhas e bolotas ¹.

Quanto à **avifauna**, podem encontrar-se, nos bosques, diversas espécies de aves de rapina, que aqui encontram abrigo e alimento. Surgem o peneireiro-de-dorso-malhado (*Falco tinnunculus*), nos campos de cultivo, a águia-de-asa-redonda (*Buteo buteo*), que se encontra nas matas e orlas adjacentes, o açor (*Accipiter gentilis*), nas florestas e bosques com zonas agrícolas e o tartaranhão-caçador (*Circus pygargus*), em habitats sem árvores e com árvores dispersas. Na categoria de aves de rapina, podem encontrar-se também a coruja-das-torres (*Tyto alba*), que nidifica em edifícios, moinhos e igrejas, o

mocho-galego (*Athene noctua*) e a coruja-do-mato (*Strix aluco*), que nidifica em buracos nas árvores, principalmente nos castanheiros ².

Outras espécies de aves que se podem encontrar são: gaiola-comum (*Garrulus-glandarius*), pombo-torcaz (*Columba palumbus*), rola-comum (*Streptopelia turtur*), Cuco-canoro (*Cuculus canorus*), merlo-de-água (*Cinclus cinclus*), guarda-rios (*Alcedo atthis*), picapau verde (*Picus viridis*), andorinha-dos-beirais (*Delichon urbica*), andorinha-das-chaminés (*Hirundo rustica*), andorinhão-preto (*Apus apus*), gralha-preta (*Corvus corone corone*), corvo (*Corvus corax*), chapim-real (*Parus major*) e pisco-de-peito-ruivo (*Erithacus rubecula*) ².

Relativamente à fauna **herpto-anfibiológica**, destacam-se o endemismo ibérico lagarto-de-água (*Lacerta scheiberi*), a cobra-de-água-de-colar (*Natrix natrix*), a cobra-de-água viperina (*Natrix maura*), a víbora-cornuda (*Vipera latastei*), a cobra-de-escada (*Elaphe scalaris*), a cobra-rateira (*Malpolon monspessulanus*) a cobra-de-ferradura (*Coluber hippocrepis*) e o sardão (*Lacerta lepida*) ².

Quanto a anfíbios, surgem, na bacia do rio Paiva, a salamandra-lusitana (*Chioglossa lusitanica*), a salamandra-de-pintas-amarelas (*Salamandra salamandra*), o tritão-de-ventre-laranja (*Triturus boscai*), o tritão-marmorado (*Triturus marmoratus*), a rã-ibérica (*Rana iberica*), a rã verde (*Rana perezi*), a rela (*Hyla arborea*) e o sapo-comum (*Bufo bufo*) ².

Relativamente à **ictofauna**, podem encontrar diversas espécies de peixes, pois o rio Paiva possui águas "límpidas e oxigenadas e sem sinais preocupantes de poluição". As principais espécies presentes são: a boga (*Chondrotoma polylepis*), a truta-do-rio (*Salmo trutta fario*), o barbo (*Barbus barbus*), a carpa (*Cyprinus carpio*), a enguia (*Anguilla anguilla*) e o escalo (*Leuciscus leuciscus*) ².

Para além de estar classificado como **Biótopo Corine**, o Rio Paiva faz parte da lista de **Sítios da Rede Natura 2000**. O Sítio "Rio Paiva", com o código PTCON0059, possui uma área de 14 562 hectares, distribuídos por 10 concelhos: Arouca (3 412 ha), Castelo de Paiva (712 ha), Castro Daire (4 516 ha), Cinfães (626 ha), Moimenta da Beira (1 414 ha), São Pedro do Sul (949 ha), Sátão (313 ha), Sernancelhe (653 ha), Vila Nova de Paiva (1 912 ha) e Viseu (54 ha) O Sítio possui uma forma linear, acompanhando a linha de água que o domina, englobando áreas de planalto, matas, campos agrícolas, prados e carvalhais, com vegetação de carácter continental⁶.

Os habitats naturais e semi-naturais existentes, constantes do anexo B-I do Decreto-Lei nº 49/2005 são:

- 3260 Cursos de água dos pisos basal a montano com vegetação da Ranunculion fluitantis e Callitricho-Batrachion;
- 4030 Charnecas secas europeias;
- 5230 Matagais arborescentes de *Laurus nobilis* (habitat prioritário);

- 5330 Matos termomediterrânicos pré-desérticos;
- 6220 Subestepes de gramíneas e anuais de Thero-Brachypodietea (habitat prioritário);
- 6230 Formações herbáceas de Nardus, ricas em espécies, em substratos siliciosos das zonas montanas (e das zonas submontanas da Europa continental) (habitat prioritário);
- 6410 Pradarias com Molinia em solos calcários, turfosos e argilo-limosos (Molinion caeruleae);
- 6430 Comunidades de ervas altas higrófilas das orlas basais e dos pisos montano a alpino;
- 6510 Prados de feno pobres de baixa altitude (Alopecurus pratensis, Sanguisorba officinalis);
- 8130 Depósitos mediterrânicos ocidentais e termófilos;
- 8220 Vertentes rochosas siliciosas com vegetação casmofítica;
- 8230 Rochas siliciosas com vegetação pioneira da Sedo-Scleranthion ou da Sedo albi-Veronicion dillenii;
- 91E0 Florestas aluviais de Alnus glutinosa e Fraxinus excelsior (Alno-Padion, Alnion incanae, Salicion albae) (habitat prioritário);
- 91 F0 Florestas mistas de Quercus robur, Ulmus laevis, Ulmus minor, Fraxinus excelsior ou Fraxinus angustifolia das margens de grandes rios (Ulmenion minoris);
- 92A0 Florestas-galerias de Salix alba e Populus alba;
- 9230 – Carvalhais galaico-portugueses de Quercus robur e Quercus pyrenaica;
- 9260 Florestas de Castanea sativa;
- 9330 Florestas de Quercus suber.

A espécie de flora constante do anexo B-II do decreto-lei nº 49/2005 de 24/02 é apenas uma:

- Centáurea micrantha ssp. Herminii (do Anexos II e IV).

As espécies de fauna constantes do anexo B-II do decreto-lei nº 49/2005 de 24/02 são:

- Cerambyx cerdo (Anexo II e IV);
- Lucanus cervus (Anexo II);
- Margaritifera margaritifera (Anexo II);
- Oxygastra curtisii (Anexo II e IV);

- *Chondrostoma polylepis* (Anexo II);
- *Rutilus macrolepidotus* (Anexo II);
- *Chioglossa lusitanica* (Anexo II e IV);
- *Lacerta schreiberi* (Anexo II e IV);
- *Canis lupus* (Anexo II e IV) (espécie prioritária);
- *Galemys pyrenaicus* (Anexo II e IV);
- *Lutra lutra* (Anexo II e IV).

Outras espécies dos anexos B-IV e B-V do Decreto-Lei nº 49/2005 de 24/02 são:

- *Anarrhinum longipedicelatum* (Anexo V);
- *Arnica montana* (Anexo V);
- *Narcissus bulbocodium* (Anexo V);
- *Narcissus bulbocodium* (Anexo V);
- *Narcissus triandus* (Anexo V);
- *Ruscus aculeatus* (Anexo V);
- *Scilla beirana* (Anexo IV);
- *Rana iberica* (Anexo IV);
- *Rana perezi* (Anexo V);
- *Triturus marmoratus* (Anexo IV) ⁶.

Acessibilidades:

O Rio Paiva, na região norte, atravessa os concelhos de Arouca, Castelo de Paiva e Cinfães.

Concelho de Arouca – Freguesia de Janarde

Janarde é uma freguesia pertencente ao concelho de Arouca, que possui uma área de cerca de 1 746 ha, distando cerca de 20 Km da sede do concelho. Localiza-se junto à margem do rio Paiva ¹³.

Encontra-se a meio da espinha de uma série de montes, que envolvem a aldeia, sendo completamente rodeada pelo rio Paiva. Este lugar já se chamou "Monte da Rocha", devido à corografia do terreno em que se encontra ².

A freguesia que foi criada em 1883, com os lugares de Bacelo, Carvoeiro, Janarde, Meitriz, Póvoa, Cortegaça, Silveiras e Telhe. Ainda, na margem direita do Paivó, encontram-se os lugares de Vale da Ponte (com duas casas) e Ponte de Telhe (com apenas uma casa), assim como as povoações desabitadas de Bacelo, Póvoa e Mourinha ⁵.

A sede de freguesia e os lugares de Silveiras e Meitriz eram já referidos em documentos medievais, como «villa Janardii III^a et de villa Meitriz VI^a et de villa Covello medietate et de Regaufi III^a et de Sorveiras medietate et de Fonte Frigida medietate», sendo que Sorveiras se refere a Silveiras ⁵.

Foi em 1960, que a população desta freguesia atingiu o maior número, tendo possuído 400 habitantes em 88 fogos, tendo decrescidos para os 254 habitantes, em 69 fogos, no ano de 1991. O orago da freguesia é S. Barnabé, sendo a capela construída em 1788, dedicada a este santo ⁵.

As casas formam um aglomerado em xisto de cor castanha, onde se destacam as manchas de granito claro nas janelas e padieiras das portas, assim como a brancura da capela de S. Barnabé (o padroeiro desta povoação). Esta capela caiada possui portas e tecto de cor azul celeste, possuindo um arco sineiro. A sua construção data de 1811 ¹.

"Toda a povoação de Janarde aproveita a lomba alta do monte, como uma proa de casas com seus quintais e arvoredo, um esporão apontado ao rio. O xisto e a lousa são materiais réis. O xisto castanho claro cor de mel ou cinzento escurecido, batido de ventos, onde o sol chispa por vezes, textura miúda na união e aglutinação de um sem número de pequenos rectângulos dessa cor para formar as paredes, ou blocos maiores para os esteios de alpendres e muros. A lousa para as coberturas em patelas negras, para os tampos redondos dos cortiços, para cruces e lápides do Campo Santo, o pequeno cemitério da aldeia, até para a placa que à entrada a nomeia. Janarde permaneceu muito tempo como uma aldeia perdida, quase completamente isolada nestes confins montanhosos. Outras há entre estes montes, como Drave, pena, Covas do Monte e Covas do Rio, que, pelas dificuldades e agrura de condições de vida, parecem fazer ressoar no tempo baladas de abandono. Contudo, é a sua personalidade agreste, afiada em xisto e lousa, no meio das oliveiras verdes, e as pequenas leiras e caminhos murados, que as tornam conjuntos de inconfundível beleza". (Pignatelli, 1998) ¹.

De acordo com Pignatelli, em 1998, a aldeia possuía cerca de vinte e cinco pessoas, a maior parte de idade avançada, tendo os mais novos emigrado em busca de melhores condições de vida. A actividade agrícola possui alguma relevância aqui, embora dê pouco rendimento. Observam-se culturas de milho, batata, feijão e pequenas vinhas de bardos. Existem também cortiços cobertos com lousas, que se

encontram “num flanco no monte” ¹. Durante a II Guerra Mundial, foram aqui exploradas cerca de 13 minas de volfrâmio, sendo ainda visíveis sinais desta actividade ¹³.

“Meitriz e Cortegaça merecem referência especial, a primeira pela beleza do conjunto que formam o casario grandemente coberto de laje, os campos e o rio. Muito recentemente, foi aberta uma estrada em direcção ao rio, para ali ser construída uma ponte para ligação à parte do lugar que fica do outro lado do rio (...) Quanto a Cortegaça tem uma localização semelhante a Drave, sendo todavia mais pequena e menos encovada” (Ribeiro, 1999) ⁵.

Meitriz é um lugar desta freguesia que se situa na margem esquerda do Paiva, e onde este passa logo que entra no concelho de Arouca, antes de chegar ao centro de Janarde. *“Aproveitaram-se as rochas que emergiam do chão, associaram-se os xistos e por cima destes as patelas das lousas negras e assim se construíram as casas. Trouxeram granito em blocos para talhar refúgios de Alminhas e apoios sólidos para os espigueiros. E depois o Homem fez o que faz por estas terras, entrou nas casas, arranjou nelas um canto de lareira para aí prantar o lume acolhedor, meteu mão ao dorso dos montes, socalçou e semeou uns quantos milheirais bordeados a vinhas de bardo. E porque o rio lhe fornecia água, peixe e força motriz abriu caminhos e calçadas que a ele conduzissem”* (Pignatelli, 1998) ¹.

Após Janarde, o rio passa após uma recta, numa curva do monte, em **Paradinha**. *“(...) os telhados negros de Paradinha e os seus milheirais mais espalhados, porque ali a serra da margem direita onde se situa forma uma aba mais larga e com mais espaço do seu chapéu. E as gentes aproveitam para estender os cultivos. Chega mesmo a formar-se entre os campos e o rio um areal”* (Pignatelli, 1998) ¹.

É próximo de Paradinha, que desagua na margem esquerda do Paiva o seu afluente, rio Paivó. Aqui, o Paiva, que desde Segões corre no sentido este-oeste, começa a correr no sentido Norte quando encontra este seu tributário ¹.

“É junto à foz do Paivó, que vem do sul, da margem esquerda, lá das terras mineiras de Candal e Cabreiros e tem como povoações mais importantes Ponte de Telhe e Covelo de Paivó e, algo distantes do seu curso, Bouce, Guedim, Pedrógão e Moldes, um centro importante desta região que é Arouca. Poderão estabelecer-se comparações entre os rios deste mesmo conjunto, desta mesma bacia hidrográfica. Este Paivó (de S. Pedro do Sul, que outro existe, o de Castro de Aire) será uma miniatura do Paiva, assim como o Paiva poderá assemelhar-se em ponto mais pequeno ao rio que foi o Douro antigo”. (Pignatelli, 1998). Abaixo desta povoação, existe um barqueiro que atravessa o rio, no seu barco guiado à vara ¹.

Após, Paradinha, o rio passa os pequenos lugares de Cabranca e Fragas da Torre, para depois alcançar Alvarenga ².

Concelho de Arouca – Freguesias de Covelo de Paivó e Moldes

Estas são duas freguesias, que embora não banhadas pelo rio Paiva, fazem parte da sua bacia e acolhem um dos seus afluentes mais relevantes: o rio Paivó.

Covelo de Paivó é povoação é muito mais antiga que a fundação da nacionalidade, tendo já existido durante o domínio romano, como comprova uma pulseira de ouro de época celta encontrada no local. De acordo com o Dicionário geográfico de 1758, esta freguesia tinha “dois lugares... e huma Póvoa que chamam Drave”⁵.

Possui como orago S. Pedro, tendo 5 lugares: a sede de freguesia, Regoufe, Drave, Emproa e Pego. O ano que em esta freguesia teve mais população foi 1950, em que aqui habitavam 498 habitantes. Em 1991, possuía uma população de 202, em 52 fogos⁵.

Covelo é um diminutivo da palavra cova. Emproa tem duas casas, localizando-se cerca de 100 metros acima do rio, possuindo várias leiras, que sobem a encosta. Pego possui apenas uma habitação⁵.

Regoufe localiza-se numa zona do vale que alarga, junto a um afloramento granítico cujo cume atinge a cota de 953 metros; do outro lado do vale, existem cabeços xistosos, que se elevam a uma cota de 900 metros. É nesta área que se encontram os campos agrícolas, enquanto as casas se encontram do lado granítico. *“O talvegue corresponde praticamente à linha divisória do xisto e do granito”*. À entrada da povoação, perto do ribeiro, encontra-se a capela de Santo Amaro, padroeiro do lugar, realizando-se uma festa em sua honra, a 15 de Janeiro. Acima desta povoação, encontram-se as instalações da Companhia Portuguesa das Minas, explorada pelos Ingleses, durante a II Guerra Mundial, de onde era retirado volfrâmio e tungsténio. Muito próximo encontravam-se as minas de Rio de Frades, ocupadas pelos alemães⁵.

“Quase vizinhos, as estradas que os dois países em guerra construíam para escoar o minério encontravam-se em Ponte de Telhe; a partir daí o percurso era comum, mas em parte aproveitando obra feita pelos alemães. A integração dessa parte da estrada na rede normal de estradas e o seu aproveitamento pelos ingleses, parece merecer o conhecido designativo da época para a posição de Portugal em relação aos beligerantes: neutralidade colaborante... Ou seja, neutralmente, ingleses e alemães eram autorizados a explorar o minério”(Ribeiro, 1999)⁵.

Drave localiza-se num local isolado no fundo das montanhas, perdida entre as serras da Freita e S. Macário e, embora a distância à sede de freguesia seja apenas 10 minutos, existem maus acessos e para

lá se chegar de carro, tem que se dar uma grande volta. Esta é uma aldeia com casas de xisto e lousa, que actualmente não possui habitantes permanentes ^{1,5}.

"Rodeado de altos montes, Drave é um local mítico, para o qual não encontro qualquer paralelo. A primeira visão que do estradão de acesso temos do povoado lá no fundo, com o «Solar Martins» e a capelinha branca a destacarem-se do fundo das demais casas é surpreendente; mas a subida e regresso, num fim da tarde límpida ou com uma bruma muito leve, com a silhueta dos montes, uns atrás dos outros, a recortar-se contra a luz do poente, é espectacular, como o é a perspectiva que a seguir se tem do Vale do Paivô" (Ribeiro, 1999) ⁵.

A capela é dedicada a Nossa Senhora da Saúde, tendo sido construída em 1851, cuja festa anual decorria a 15 de Agosto, tendo nos últimos anos de celebração, resumido-se a uma missa para reunião dos ex-moradores e pessoas mais chegadas ⁵.

"Tal como está a aldeia é uma balada pura, talhada em xisto, recortada em silêncio, mas é também uma balada de abandono. Há por ali outras aldeias, igualmente perdidas e esquecidas, nas fraldas ou fendas dos montes, como Pena, Covas do Rio, Covas do Monte... mas talvez nenhuma como Drave (...) A aldeia é como ave de xisto pousada, trave de tectos ávidos de cobrir gente, Drave (ave, trave, Drave), uma balada de abandono. Uma aldeia da ponta do concelho de Arouca que urge preservar". (Pignatelli, 1998) ¹.

Moldes foi separada do Couto de Arouca em 1845, possuindo como orago Santo Estêvão. No Século IX, durante a época da reconquista, esta freguesia ficou despovoada, tendo a igreja sido destruída (e mais tarde reconstruída). Novamente, em 975, a população cristã voltou a fugir, tendo regressado em 1001. O ano em que a sua população foi maior foi 1960, em que teve 1553 habitantes, distribuídos por 356 fogos. Em 1991, possuía 1596 pessoas e 416 fogos ⁵.

Não se conhece bem a origem da designação de Moldes, embora, segundo Manuel Rodrigues Simões Júnior e Almeida Fernandes, se pense deriva da palavra moinhos (que em latim, é molinos), existindo referências que o rio de Moldes possuía quarenta levadas, sendo trinta e oito de moinhos ². A freguesia foi já referida com o nome de Molides (num documento de 951), provavelmente derivada de Riu de Molinus (o antigo nome do ribeiro que atravessa a freguesia), e designada como "Santo de Estêvão do Vale de Moldes" ⁵.

A parte central da freguesia de Moldes localiza-se num vale, entra a vertente norte da serra da Freita e o rio Paiva ⁵.

Esta aldeia possui bastantes oliveiras, que se encontram nas vertentes mais abrigadas, enquanto os soutos se situam em socacos existentes a Este e Sul ².

É uma freguesia bastante dispersa, possuindo lugares no alto da serra, como: Granja, Chão de Espinho, Espinho, Adaúfe e Espinheiro, ou no vale do Paivó, como: Ponte de Telhe, Vila Nova do Pisco e Boucedeguim ⁵.

No lugar da Granja, localizavam-se uns viveiros, mantidos pelos Serviços Florestais, onde existiam, entre outras espécies: carvalhos americanos, sicômoros e bétulas, perto de uma fonte de água quase gelada. Junto, encontram-se duas casas de guarda e os campos associados ⁵.

"Em Espinho, e também em Adaúfe, chamam-nos a atenção várias cavidades nos muros de suporte das terras lavradas. São abrigos, que essencialmente se destinavam a vigilância das terras e sua defesa da passarada em alturas cruciais de crescimento das culturas, assim como para abrigo de aguaceiros intempestivos" (Ribeiro, 1999) ⁵.

Ponte de Telhe desenvolveu-se com a exploração mineira verificada em Regoufe e Rio de Frades, sendo ponto de passagem para as duas ⁵.

No lugar de Bustelo, localiza-se a capela da Senhora da Guia, que data de 1750. *"A igreja matriz, fruto de sucessivas modificações, tem um conjunto de quatro tocheiros que são considerados verdadeiras obras de arte"* (Ribeiro, 1999) ⁵.

O lugar de Fuste encontra-se numa área relativamente plana no topo de uma cumeada, que se estende desde a serra até ao Alto do Viso (a uma altitude de 645 metros). As casas dominam a zona onde estão as parcelas agrícolas. A sudoeste, encontra-se um ribeiro, perto do lugar do Pedrógão, ao qual se chega através de uma estrada sem saída. Aqui, existem quatro casas, tendo duas sido construídas ou reconstruídas mais recentemente (em 1999), tendo uma sido destinada à instalação de um restaurante tradicional. No percurso para estes dois lugares, existem, pela encosta, grandes extensões de carvalhos e castanheiros ⁵. Aqui, passa também o rio moldes, um afluente do rio Caima ¹⁴.

Nesta freguesia, encontra-se a capela da Senhora da Mó, que embora esteja localizada a uma altitude relativamente baixa, em relação à restante área da serra (a 712 metros), possui vistas panorâmicas para a vila de Arouca. A nível cultural, existe, aqui, o Grupo Etnográfico de Moldes, de Danças e Cantares Arouquenses, há mais de 50 anos, que tem reunido várias músicas tradicionais desta região, sendo Arouca considerada por alguns como a "terra do País mais rica em música folclórica", destacando-se os coros a duas ou três vozes e os cramóis (de clamores) ⁵.

Concelho de Arouca – Freguesia de Alvarenga

¹⁴ ADRIMAG, -.

Alvarenga é uma freguesia já bastante antiga, dos tempos da fundação da nacionalidade, existindo referências a ela do Século IX, explicando a sua toponímia que deriva da palavra árabe "Alborjon", que significava *"a torre em ruínas que pertencem ao Solar dos Alvarengas, que foi em tempos uma casa medieval dos Viegas, descendentes de Egas Moniz"* (Pignatelli, 1998). É uma terra com muita história, tendo já sido sede de Concelho (até 1836), abrangendo as actuais freguesias de Alvarenga, Canelas e Janarde, tendo também sido couto e julgado ⁶ e tendo possuindo um papel de grande relevo durante as invasões francesas ¹.

A povoação de Alvarenga é uma aldeia que apresenta um povoamento disperso, que se localiza na margem direita do rio Paiva ².

"Os seus lugares de casario espalham-se e estendem-se por diversos lugares em todo um raio longo de extensão do vale da encosta da serra, neste lado chamada a Serra da Culmieira, em terrenos abundantes de águas e férteis em cereais, pastos, hortas e vinhas. Não é um aglomerado junto, embora o núcleo central se situasse outrora no lugar da igreja e hoje em dia seja no de Trancoso, onde se encontra a Casa da Comarca, as ruínas da antiga Cadeia, o Pelourinho, construído em 1690, cafés e restaurantes (onde se comem os famosos bifes de Alvarenga e bem cuidadas vitelas da terra) e lojas de pequeno comércio. (...) Terra agrícola, de azeite, mel, carne, cera e lã, nos anos 30 e 40 deste século passou por ela a febre do minério do volfrâmio, para depois tornar de novo à agricultura. (...) Alvarenga constitui todo um conjunto de terras alongadas, estendidas até à Paiva. E é atravessada por vários ribeiros, como a Ribeira da Noninha, o Aversada ao sul de Trancoso, o Polama e o Senda, que juntos formam o Ribeiro da Vila ou de Agueiras, ribeiro que ao longo da extensa rocha vai despenhar-se no Paiva, numa formosa cachoeira, as quedas da Agueira, e também por um outro importante afluente do Paiva, rio moleiro de cerca de dez quilómetros, que nasce na freguesia de Alvarenga e depois de um curso arrebatado por entre penedias segue até à Espiunca, onde se lança no Paiva: o Rio Ardena." (Pignatelli, 1998) ¹.

Nesta freguesia, encontram-se diversos moinhos, distribuídos por vários locais, como na ribeira das Agueiras, Chieira, Casais, Souto, Trancoso, Várzeas, entre outros. Aqui, era moído o milho, a principal cultura de Alvarenga, assim como outros cereais, como centeio e feijão. É de destaque a Carreira de Moinhos ².

"Entre a Ponte de Alvarenga e a Espiunca é como se o Paiva atravessasse um dédalo de fragas. Vai descendo por patamares, sendo em muito maior quantidade os troços de rápidos e cachoeiras que os mais planos e de maior profundidade. É que aqui os montes como que se apostaram em entalar o rio com os seus flancos pedregosos, chegam as barrigas quase ao veio da água, quando mesmo não caem de boa altura quase perpendicularmente a este" (Pignatelli, 1998) ¹.

Nesta passagem, o rio provoca *"profundas mossas, laivos côncavos e prolongados nos granitos das margens, marmitas, covas e buracos fundos nas rochas do leito, enquanto outras vezes (...) escapa aos estrangulamentos dos rochedos ou desliza por cima destes (...)"* (Pignatelli, 1998). Foram também várias bicas e cachoeiras ¹.

Existem nas margens, alguns locais onde se notam cortes, realizados nos estudos de prospecção para a instalação de uma barragem, que não foi efectuada ¹.

Aqui perto, encontram-se as quedas da Agueira, em que na margem direita, na vertente abrupta jorra uma fisga de água, que, ao encontrar o solo, forma um pequeno afluente. *"Descendo por patamares, formando cachoeiras, furando e esculpindo, o Paiva de repente, como que cansado de trabalhos contínuos, de lutas e despiques com as rochas, encontra um bocado de leito mais propício para se estender, para se espraiair um pouco em lago plano, lisura de tecido líquido à superfície, colorido pelos diferentes tons e matizes que o reflexo dos líquenes ferruginosos e as várias cores das pedras nele espelham. Nos pontos de maior profundidade há barbos grandes, e nos mais rasteiros melros de água que esvoaçam de pedra em pedra ao correr do rio"* (Pignatelli, 1998). Aqui, existe uma estação de medição de caudal, com marcas em azulejo ¹.

Antes de chegar a Canelas, não existem muitos meandros no rio Paiva. *"(...) encaixado e lajeoso, vai cumprindo o curso que as montanhas apertadas e chegadas lhe permitiram traçar"* (Pignatelli, 1998) ¹.

Concelho de Arouca – Freguesia de Canelas

Canelas situa-se na margem esquerda do Paiva, enquanto os Louseiros se encontram no cimo da serra.

Esta freguesia é conhecida pela sua exploração lousífera, de onde se extrai material para as construções, nomeadamente para coberturas, muros, tampas de cortiços, cruces, placas de divisão, dobradiças, entre outros. Segundo a Junta de Freguesia, nas aldeias de Canelas é obrigatório as casas serem cobertas de lousas ¹.

Existem as povoações de Canelas de Cima e Canelas de Baixo, que ocupam diferentes posições na encosta ¹.

"Nas duas Canelas, encanta a pureza das casas de xisto e lousa a que apenas alguns apoios mais fortes e mais longos de granito fazem contraste. Normalmente estão colocados por baixo dos caixilhos das janelas e são blocos grandes. As janelas são enfeitadas com vasos de cravinas, muitas vezes um de cada lado, para os quais se construíram, metidos à malha do xisto, apoios próprios. São aldeias de telhados de lousa entre oliveiras, pequenas ramadas e milheirais" (Pignatelli, 1998) ¹.

As leiras encontram-se em socacos, existindo diversos milheirais. O milho é guardado em espigueiros compridos, sendo que cada um pertence a vários donos. São chamados de espigueiros dos terços (se pertencem a três proprietários), ou de quartos (se pertencem a quatro pessoas) ¹.

No Vau, existem, na margem esquerda, as ruínas de um pequeno moinho de pedra, com cobertura de lousa, que se encontra abandonado. Era alimentado através de uma manilha, por onde a água era conduzida até este ¹.

"O rio, a Paiva, passa ao fundo rente aos montes. Depois de se ter espreguiçado na Praia do Vau, onde acabou o pesadelo dos rochedos que veio contornando desde a Ponte de Alvarenga e criar um local de recreio para os banhos de Verão, torna a apertar um pouco o leito" (Pignatelli, 1998). Existem, aqui, diversas cachoeiras ¹.

Concelho de Arouca – Freguesia de Espiunca

"Há a igreja, casas e caminhos tudo em torno dela, e o envolvimento verde das oliveiras, pinheiros e carvalhos, algumas de fruto, amieiros, choupos e salgueiros junto ao rio, a grande roda de campos de milheirais e pequenas ramadas que enquadram a aldeia (...)" (Pignatelli, 1998) ¹.

A povoação de Sarabigões encontra-se na encosta, apresentando cerca de meia dúzia de casas em redor do largo da igreja e coreto e um fontenário público. Em volta, encontram-se os terrenos agrícolas, onde predominam os castanheiros, oliveiras e ramadas ¹.

De Espiunca até **Pardelhas**, o rio Paiva não possui muitos meandros, serpenteando ao fundo da serra ².

Concelho de Castelo de Paiva – Freguesia de Real

A freguesia de **Real** é já bastante antiga, desde a "formação da nacionalidade", sendo designada nessa altura por Villa Rial, derivando este nome do facto de aqui se encontrarem várias nascentes do rio Sardoura, afluente do Douro ¹⁵.

Real localiza-se entre montes, vales e planícies, com o ponto mais alto no Monte de Santo Adrião (a 640 metros de altitude), sendo a freguesia que limita o concelho de Castelo de Paiva com o município de Arouca. Pensa-se que foi, em tempos, fortificada, existindo uma povoação com o nome de Crasto, que resulta do castro que existia no topo deste monte ¹⁵.

¹⁵ www.cm-castelo-paiva.pt.

Localiza-se, nesta freguesia, a Igreja Paroquial de Real, que foi construída em 1737, possuindo grande valor devido à talha dourada, pinturas valiosas e as seis esculturas de pedra, que representam os apóstolos, que se localizam no seu adro. Outro dos elementos históricos da freguesia é a Cruz de Ancia, que se localiza perto de um caminho assinalando o local onde Dona Mor de Porto Carreiro foi estrangulada pelo marido devido a traição. O Solar dos Aranhas, na povoação de Nojões, é também um elemento marcante das “famílias que dominavam em terras de Paiva” ¹⁵.

Mais a norte, no seu percurso, o rio passa por áreas com uma grande diversidade de flora, existindo, na sua margem esquerda, fetos-reais, pereiras-bravas, loureiros, pilriteiros, enquanto que á direita surgem as giestas e eucaliptos ¹.

Aqui, ocorre um meandro do rio. Da Espiunca até este ponto, *“a configuração do rio é agreste, bravia, muito pouco humanizada. (...) Mas nas margens, bem junto ao rio a serra é abrupta, bravia, rapada de rochas ou eriçada de urzes e giestas. E as rochas vão alternando de tons e matizes, ora avermelhados, ora cinzentos, ora brancos ou esbranquiçados. Tudo isto feito ao cinzel de água doce do rio, num trabalho de anos”* (Pignateli, 1998) ¹.

Concelho de Castelo de Paiva – Freguesia de Bairros

À frente, encontram-se as Fragas de Vilar de Erigo, um conjunto de rochas junto ao rio que sobem a encosta do monte, nas quais o Paiva cavou marmitas. A vegetação, neste local, é composta por carvalhos, lódãos, pilriteiros, sobreiros, medronheiros, urzes e giestas: Neste local, existem muitas aves, como andorinhas-das-rochas, falcões e águias-de-asa-redonda ¹.

Seguidamente, encontram-se o Moinho de Melo, a Ponte de Melo e, a partir desse ponto, *“o rio lança-se em prolongada recta até ao flanco de outra montanha que o obriga a virar à esquerda”*. Trata-se do meandro do Várzea, o meandro mais sinuoso e marcante do rio Paiva, que se prolonga até à Retorta, passando pelo povoado da Várzea. Neste local, ocorrem carvalhos e salgueiros junto às pedras das margens, assim como pilriteiros, salgueiros-brancos, lódãos, carvalhos e amieiros. Podem também observar-se manchas de sobreiros ¹.

Mais à frente, acima da encosta, fica o lugar de Bairros ¹.

A freguesia de **Bairros** tem como nome original São Miguel de Bairros, o seu padroeiro. Trata-se de uma freguesia que cresce, em socalcos, sobre o rio Paiva. A principal actividade económica é a agricultura, sendo que o cultivo e exploração da vinha era já importante no Século XVIII, sendo usado para efectuar o pagamento às obrigações paroquiais. Aqui predominam as culturas de cerejeiras e citrinos, sendo frequente observar vinha de enforcado¹⁵.

Aqui, o rio Paiva é atravessado pela Ponte da Bateira, em granito de um só arco, (na EN 225), ligando à freguesia de Travanca, em Cinfães ¹⁵.

Nesta freguesia, localiza-se a Quinta da Fisga, que possui um solar com estilo barroco típico da região norte, construído no Século XVII, uma capela privativa, diversas estátuas nos muros e jardins e uma “vistosa fonte”. A entrada na propriedade faz-se por um portal grandioso de estilo Rococó. É propriedade privada, sendo considerado imóvel de interesse público ¹⁵.

Após o lugar de Bairros, de vez em quando, surgem, no leito do rio, ilhotas com vegetação, de onde se destacam os fetos-reais ¹.

“O rio passa ladeando as ilhotas, muitas vezes a rasgar as pedras e, se aqui e ali se mostra mais rasteirinho e vai sempre descendo, logo mais à frente adquire profundidade, fundões ou poços” (Pignatelli, 1998) ¹.

Neste percurso, entre Bairros e Travanca, perto do lugar da Várzea, o rio corre entre encostas latas, onde ocorre um uso florestal compostos pela vegetação originária. Um pouco mais à frente, encontra-se um local designado como Pego Negro, onde o rio se torna largo e mais profundo ¹.

Seguidamente chega-se ao lugar da **Várzea**, tendo aqui sido criada uma zona de lazer, bastante utilizada no Verão ^{1,15}.

Esta povoação apresenta *“as suas casas de xisto acastanhado, com entalhes de granito, estão chapeadas a lanços de amarelo, de cor-de-rosa, de vermelho vivo nos umbrais das janelas, portas e postigos (...)”* (Pignatelli, 1998). Existem aqui cerca de 14 casas, envoltas em vegetação constituída por amieiros, oliveiras, videiras em latada e canaviais. Junto às casas, existem espigueiros e eiras ¹.

O padroeiro da Várzea é S. Miguel, realizando-se aqui todos os anos, uma festa em sua honra, no dia 29 de Setembro ¹.

Mais à frente, “montes altos, com os povoados colocados mais nos topos que nos flancos das encostas. Encostas por onde descaem veios de água, todos a juntar-se ao rio, e em torno dos quais surgem toucas verdes de musgos e fetos cheios de viço. De meandro em meandro, o Paiva faz com que um compasso numa curva mais suave, curva cheia de beleza vegetal, antes de entrar, cheio de pujança, na extensa recta da Bateira. Encosta a Pensais e passa nos baixos de Travanca. De um modo não muito acentuado, vai descendo e galgando açudes ¹. “A água junta-se então em maior caudal e parte dela é desviada por canais que vão alimentar moinhos” (Pignatelli, 1998) ¹.

Nesta zona, perto do rio, encontram-se várias quintas, destacando-se a Quinta da Fisga, com um edifício barroco do Século XVII, possuindo grandes jardins e uma grande variedade de esculturas em pedra. Nas proximidades, encontram-se também a casa da Póvoa (um edifício do Século XVIII), o Casa da Cardia (datando do Século XV) e o Solar da Boavista (do Século XVII, localizado na freguesia de Sobrado, tendo pertencido ao Conde de Castelo de Paiva). As casas localizam-se no topo dos montes, localizando-se as leiras e tapadas pela encosta abaixo, até ao rio. Muitas encontram-se abandonadas ¹.

Concelho de Castelo de Paiva – Freguesia de Bairros

A freguesia de **Travanca** é bastante antiga, tendo sido povoada já antes do Século XII ¹⁶.

Localiza-se aqui a igreja de Santa Leocádia de Travanca, que foi fundada antes do Século XI. Possui como orago a virgem mártir toledana, que resulta de um culto aqui estabelecido no Século IX, por "*gente moçarábica, isto é, advenas de terra mourisca que aqui povoassem por ordem real, o que não quer dizer que a fundação da igreja se lhes deva*" ¹⁶.

Nesta freguesia encontra-se o Monte Castro, uma colina onde já surgiram vestígios arqueológicos, sendo também designada por Alto da Moura. É composta pelos lugares de Ortigosa, Travanca, Santa Isabel, Carvalha, Miragaia, Carril, Biscaia e Gatão ¹⁶.

Nas margens do rio vai-se tornando mais evidente a marca do homem, podendo observar-se as leiras cultivadas, com milheirais, bardos e ramadas. No leito do rio, surgem grandes penedos, marcados com concavidades e marmitas ¹.

Após as curvas da Retorta, o rio possui um traçado mais rectilíneo, embora sempre com algumas sinuosidades, passa sob a Ponte da Bateira e vira à esquerda nos lugares de Cruz e Covas ¹.

O lugar da Bateira possui esta designação provavelmente por aqui ter existido uma barca que efectuava o atravessamento do rio, derivando Bateira de batel ou barca ¹.

No lugar do Ratão, o rio possui um açude. No cimo dos montes, podem observar-se algumas povoações, como Ortigosa, Fonte Coberta, Couto e Escamarão (pertencentes ao concelho de Cinfães), na margem direita) e Sobrado, Fornos e Castelo (pertencente ao concelho de Castelo de Paiva) na margem esquerda. Aqui, o Paiva passa entre dois moinhos: o Ratão, na margem esquerda, e o do Barrote, na margem direita ¹.

¹⁶ www.cm-cinfaes.espigueiro.pt

"Segue assim a Paiva da Bateira a Caneiros, sobre um leito pedregoso mas de água transparente (...) Mas a Caneiros, por força da construção da Barragem de Crestuma, já chegam as águas do Douro, os dois rios confundem as suas águas (...)" (Pignatelli, 1998) ¹.

"O Paiva traça um derradeiro meandro, largo, entre Casal na esquerda e Couto na direita, passa sob os arcos de robusta cantaria da Ponte de Caninhas, que faz a ligação entre Cinfães e Castelo de Paiva, e deslizando pelos baixos do lugares de Castelo a Escamarão, lança-se no Douro no lugar do Castelo, em frente ao Outeiro-ilhéu" (Pignatelli, 1998). Nas duas margens, entre Escamarão e Castelo, as povoações agrupam-se junto a ruas estreitas ¹.

Concelho de Cinfães – Freguesia de Souselo

A freguesia de Santo André de Souselo encontra-se banhada tanto pelo rio Paiva, como pelo Douro. É uma terra que possui a sua origem documentada, sendo anterior ao Século X ¹⁶.

O seu nome provavelmente encontra-se relacionado com o termo latino "Sonosu" (de sonoru), sendo Souselo um diminutivo deste. Sonosellu refere-se a um regato que nasce acima de Santa Eulália, no Alto da Capela, que desagua no lugar de Primadela. É composta pelos lugares de Escamarão, Couto, Souselo, Fonte Coberta, Cale, Covelo e Bolo ¹⁶.

Aqui, existiu um Mosteiro (cuja fundação datava de 870), que teria sido destruído por Almançor ¹⁶.

No Escamarão, encontram-se casas brancas e caiadas, enquanto as janelas e portas se apresentam muito coloridas, em volta da pequena igreja românica, dedicada a Santa Maria Maior e a S. Miguel, imagens que são levadas até à Ponte das caninhas no dia da festa ¹.

Abaixo da povoação do Escamarão, encontra-se o Areinho da Corredoira, onde antes paravam os barcos rabelos ¹.

"Do Areinho da Corredoira e à Praia do Castelo desciam os carros de bois a carregar os sacos de açúcar, mercearias, fazendas e outros artigos que os donos das lojas encomendavam aos arrais. Para a Ribeira, no Porto, iam as frutas, as galinhas, os ovos, as lenhas, o carvão". (Pignatelli, 1998) ¹.

Concelho de Castelo de Paiva – Freguesia de Fornos

É na freguesia de **Fornos**, no lugar do Castelo, que o rio Paiva desagua no rio Douro, tendo este local constituído um antigo porto fluvial que servia a região, sendo este referido num documento de 1423. Este porto possuía bastante movimento, servindo *"todo o Vale do Paiva, as terras de Paiva, de Cinfães e algumas localidades do vizinho concelho de Arouca"* ¹⁵.

No local onde o Paiva desagua, localiza-se a Ilha do Castelo (também conhecida como Ilha dos Amores, ou Ilhota do Outeiro, a única ilha o rio Douro. A sua forma lembra *"uma velha fortificação ou posto de*

vigia", tendo aqui sido vestígios de uma ermida do Século XV. Existem lendas de que existe na ilha, uma mina, construída pelos mouros, que liga à Capela de Escamarão, na freguesia de Souselo (Cinfães) ¹⁵.

O lugar do Castelo tem o seu nome derivado provavelmente de um castelo que aqui teria existido, tendo daqui resultado também o nome do concelho: Castelo de Paiva. Segundo a população, este situava-se no outeiro-ilhéu, que estaria ligado por terra ao Escamarão (como acontecia antes da construção da barragem de Crestuma). Há também quem seja de opinião de que aqui o nome deriva de um castro pré-histórico. No entanto, esta ilha possui um dólmen.

São elementos culturais importantes: a Quinta e Paço de Gondim (casa medieval de tipo senhorial onde terá nascido o Pai de Santo António), com o Portal da Carrada (com o brasão da família Bulhões), a Casa da Cardia (casa senhorial do Século XV), a Capela das Fontainhas e o Penedo de Carcajo. Aqui o rio Paiva, é atravessado pela Ponte de Caninhas ¹⁵.

Um pouco antes da Ponte das Caninhas, no lugar das Vessadas, na margem esquerda, o rio recebe o ribeiro da Quintã e o ribeiro de Santo António, que provêm do alto da freguesia de Fornos ¹.

Funções

Uma das actividades que se pode realizar no rio Paiva é a **pesca**, sendo que a variedade e qualidade dos recursos piscícolas foram um dos factores que determinaram a fixação das populações nas margens deste rio.

"No seu jeito de se contorcer entre os montes o Paiva adquire, em muitos pontos, fundões, sítios de maior profundidade, ricos das belas trutas de pele prateada em que é pródigo, e dos outros peixes. São os poços. Há muitos e todos têm o seu nome. (...) Entre Pereiró e Janarde tem uns poucos:

O Poço da Ponte Pereiro – abaixo da povoação

O Poço Cidra – depois de Pereiro

O Poço do Barco – abaixo de Meitriz

O Poço da Balleça – onde as folhas parece que dançam na água

O Poço de Custumil – no meandro mais apertado acima de Meitriz

O Poço da Lontreira – abaixo de Janarde.

Bons lugares para pescarias" (Pignatelli, 1998) ¹.

Na Espiunca existem também vários poços, existindo bons locais para a pesca, onde os peixes se refugiam. Aqui existem bogas, escalos, barbos e trutas, entre outros. *"O rio tem muitos poços e a todos o*

povo foi dando nomes" (Pignatelli, 1998). Existe, por exemplo, o Poço do Reitor (em memória de um reitor que ali pescava), o Poço da Cabranca e o Poço da Viveira ¹.

Antes, *"o peixe vendia-se pelas portas, nas ocasiões festivas e nas grandes romarias"* (Silva, 1999). As famílias que viviam perto do rio possuíam uma espécie de minas, onde armazenavam o peixe, que comiam nas épocas em que não havia condições para pescar, principalmente na época de cheias do Inverno. Em Meitriz (Janarde, Arouca) existe uma antiga mina onde se recolhia peixe. Assim, podia-se sempre ter peixe fresco ².

Nesses tempos, existiam vários métodos de pesca: com cana e anzol, de chumbeira, de naça, de teção (ou tozon) ou de tramalho. O trovisco era também uma espécie arbustiva que era usada como engodo (as raízes, folhas e frutos misturados com lodo), mas em 1829, começou a proibir-se a utilização de ervas venenosas no rio e este método foi abandonado. A partir do Século XVIII, iniciaram-se preocupações com a utilização de algumas substâncias e produtos, que provocavam danos à água e ambiente e diminuem os recursos naturais existentes ².

O rio já foi muito abundante em peixe. As memórias paroquiais de Mões indicam que no Paiva existiam espécies como trutas, barbos, bogas, bordalos e também algumas enguias. As memórias paroquiais da freguesia de Fornos (em Castelo de Paiva) indicam que: *"O rio Paiva e o rio Paivoo que ficam dictos criam munta abundansa de peixe, a sua qualidade he de bogas, barbos, escaldos e tructas, e safios e distansia de duas legoas das margens do Douro correndo pello rio asima munta quantidade de lampreias no tempo de seo curço e chegam até o sitio adomde chamam Asalto e não passam dahi para sima em rezam do rio deser huma alta penha que tera de altura sicoenta palmos e he pajeje estreita"* (Silva, 1999)².

Actualmente o rio vai tendo cada vez menos peixe, devido a vários factores: *"a pesca excessiva, a falta consciencialização de indivíduos que praticam o extermínio puro e simples de espécies, com o recurso a redes de malha muito apertada e incapaz de poupar as espécies em vias de desenvolvimento; o recurso a produtos químicos de reconhecida toxicidade para os peixes, mas que servem perfeitamente a apetência de pessoas pouco ou nada escrupulosas; a poluição de que o rio é vítima, tornando-se um vazadouro de toda a espécie de detritos; as ligações directas de muitos esgotos domésticos; a afluência desmesurada de pessoas até às proximidades do rio e a falta de respeito pelo mesmo, lançando-lhe objectos não degradáveis, que contribuem igualmente para a sua pobreza em espécies piscícolas"* (Silva, 1999) ².

Com a construção da barragem de Crestuma-Lever, as lampreias e sáveis deixaram de poder nadar até aos locais onde antes eram pescadas ².

O rio Paiva é considerado um bom local para a prática de **desportos aquáticos**, realizando-se aqui, no concelho de Arouca, anualmente o Festival Internacional de Águas Bravas.

"As grandes variações sazonais de caudal do rio, a estreiteza e o acentuado desnível do seu leito provocam, em muitos sítios, o aparecimento de rápidos, que fazem as delícias dos apreciadores de desportos aquáticos radicais, os quais consideram o Paiva, muito justamente, um dos melhores locais do país para a prática das suas actividades" ¹⁷.

Aqui, existem locais com boas condições para a prática de **rafting** e **canyoning**, como:

- A Garganta do Paiva é um troço de rio que se localiza entre as Praias do Areinho, Espiunca e do Vau, com uma extensão de 7 Km e um desnível de 80 metros. Este é um dos percursos mais famosos de desportos de águas bravas em Portugal, possuindo uma série de rápidos, de que são exemplo: "Serra Calos", "Rápido Grande", "As Marmitas", "Rápido da Parede", "O Salto", "As escadinhas", "S", "Os três saltinhos", entre outros;

- O troço "Espiunca – Travanca", também com boas condições para kayak e playboater, situa-se entre as Praias de Espiunca e Travanca. Trata-se de um percurso com a extensão de 50 metros, com um desnível de 50 metros, em que se formam diversos rolos e ondas, embora os rápidos não sejam muito exigentes, alternando com zonas mais calmas ¹³.

As áreas ribeirinhas são também propícias à **atividade balnear**, existindo diversas praias fluviais ao longo do seu percurso. Este é também um local onde se podem realizar **passeios** (a pé, de carro ou bicicleta), ao longo das suas margens, atravessando o rio nas diversas pontes que ali se encontram e conhecer as pequenas povoações que vão surgindo.

Alguns dos percursos pedonais do concelho de Arouca passam junto a este rio, como o PR 5 – Rota das Tormentas – Este percurso pode iniciar-se junto à capela de Silveiras ou em Janarde. Passa pela ribeira de Silveiras, Portela da Malhada, Cortegaça, Meitriz e Além Barco (duas aldeias ligadas por uma ponte sobre o rio Paiva), Sobral e Janarde. Durante o percurso, podem-se visualizar os vales profundos e os meandros do rio Paiva, as praias que ficam nas suas margens, a serra de Montemuro e passar pelo antigo "caminho das vacas", onde passava o gado para a Feira de Castro de Aire. Este percurso, por ser linear, terá que ser feito nos dois sentidos; assim, possui uma extensão total de 16,2 km, demorando cerca de 6 horas a completar e tendo um grau de dificuldade médio / alto, sendo necessário vencer um desnível de mais de 400 metros ¹³.

¹⁷ <http://sweet.ua.pt>

Equipamentos:

O rio Paiva possui, ao longo das suas margens, várias **praias fluviais**, sendo que no concelho de Arouca se localizam:

- Praia fluvial do Areinho, localizada na Freguesia de Canelas, a 15 km de Arouca e 5 Km de Alvarenga. Neste locais, podem praticar-se vários desportos, como canyoning e canoagem, sendo um local de partida para alguns desportos aquáticos de Inverno, como rafting, kayakrafting e hidrospeed). Esta praia possui balneários e estacionamento com a capacidade para 20 veículos, encontrando-se próxima de vários pontos de interesse, como a Ponte de Alvarenga (datando do Século XVIII), da Aldeia de Alvarenga e a sua carreira de moinhos, da Aldeia de Canelas e das zonas de lazer e recreio de Vau e Espiunca. No Verão, apresenta nadadores salva-vidas, embora, em Agosto de 2007, a água fosse considerada de má qualidade ¹³.

- A Praia fluvial da Espiunca consiste numa zona de recreio e lazer, na freguesia com o mesmo nome. Encontra-se junto à aldeia de Espiunca, que ainda apresenta algumas características rurais. Nesta praia, podem praticar-se vários desportos como: canyoning, canoagem, rafting, kayakrafting e hidrospeed, entre outros. Esta praia encontra-se próxima da Ponte de Alvarenga (construída no Século XVIII), de Alvarenga (com a sua aldeia, gastronomia e carreira de moinhos), Canelas (com a aldeia e a zona de recreio e lazer de Vau) e das trilobites de Louseira. Esta praia não possui estacionamento, tendo os carros que parar na estrada municipal que lhe dá acesso ¹³.

- A Zona de Recreio e Lazer de Janarde, encontra-se a cerca de 20 Km da vila de Arouca, na freguesia e aldeia de Janarde. Esta é uma aldeia de casas em xisto, que ainda apresenta alguns traços de ruralidade. Possui alguns pontos de interesse próximos, como as aldeias de Meitriz, Cortegaça, Silveiras e Paradinha, e as aldeias e minas de volfrâmio associadas de Rio de Frades e Regoufe. Existe a possibilidade de efectuar percursos ao longo do rio, passando em locais como Regoufe, Drave e Covelo, inseridos na rede de percursos do concelho de Arouca ¹³.

- A zona de recreio e lazer de Meitriz localiza-se junto à aldeia de Maitriz, freguesia de Janarde, distando 22 Km da sede de Concelho (Arouca). A aldeia de Meitriz é em xisto, apresentando algumas características rurais. Do lado oposto do rio, encontra-se o lugar de Barco, acessível através da ponte que une os dois lugares. Antes da construção desta ponte, a travessia do rio era efectuada por barco. Esta praia encontra-se infra-estruturada, possuindo balneários e parque de estacionamento automóvel para 10 carros. Um estudo efectuado em Setembro de 2007, mostrou que a água que aqui corre era de boa qualidade. Encontra-se próxima das aldeias de Janarde, Cortegaça, Silveiras, paradinha, Rio de Frades e Regoufe, tendo estas duas últimas associadas as suas minas de volfrâmio. Através dos

percursos pedestres PR13 e PR14, pode-se passear junto à margem do rio, enquanto se pode visitar Regoufe, Drave e Covelo ¹³.

- A zona de recreio e lazer da Paradinha localiza-se na freguesia de Alvarenga, junto à aldeia de Paradinha, a cerca de 20 Km de Arouca. Paradinha é uma aldeia de características rurais, com as casas construídas em xisto. Actualmente não possui nenhum habitante permanente, possuindo bastante movimento por parte de turistas e habitantes de fim-de-semana, principalmente no Verão. Possui balneários e estacionamento com lugar para 20 veículos. De acordo com dados de Setembro de 2007, a qualidade da água era considerada boa. Encontra-se próxima das aldeias de Paradinha, Cabranca (hoje abandonada) e de Alvarenga, com a sua ponte do Século XVIII, carreira de moinhos e delícias gastronómicas ¹³.

- A zona de recreio e lazer do Vau localiza-se na freguesia de Canelas, distando 3 Km do seu centro e cerca de 16 Km da vila de Arouca. É um local propício à prática de desportos aquáticos, como canyoning, canoagem e, no Inverno, de rafting, kayakrafting e hidrospeed. O estacionamento possui poucos lugares, podendo-se, no entanto, estacionar no caminho que dá acesso a esta praia. Encontra-se próxima de alguns pontos de interesse, como a Ponte de Alvarenga (que data do Século XVIII), a carreira de moinhos de Alvarenga, a aldeia de Canelas, as trilobites de Louseira e a zona de recreio e lazer da Espiunca ¹³.

No concelho de Castelo de Paiva, existem **praias fluviais** em Várzea (Bairros) e Ratão (Fornos) e também no Castelo (Fornos) no local onde o rio Paiva desagua no Douro. Nesta última, foi criada uma área de lazer, com marina, balneários e uma piscina coberta ¹⁵.

No local onde o Paiva desagua no Rio Douro, encontra-se a **Ilha dos Amores**, pertencente ao município de Castelo de Paiva, mas em território do concelho de Cinfães. Nesta Ilha, foi descoberta uma estrutura de uma antiga ermida do Século XV. Existe a possibilidade de visitar a ilha, por meio de “embarcações típicas e tradicionais”, que atravessam o rio ¹⁵.

O **Centro de Interpretação Geológica de Canelas** localiza-se em três edifícios em Canelas (no concelho de Arouca), junto à exploração de ardósias da empresa “Ardósias Valério e Figueiredo”. O facto de se encontrar em três construções é inspirado na trilobite, organismo cujo corpo é também formado por três partes.

Aqui, encontra-se um museu, onde podem ser observados os fósseis encontrados nos trabalhos de extracção e preparação das ardósias que são aqui produzidas, encontrando-se um grande número de espécimes, com principal relevância para as trilobites, que neste local surgem com características de gigantismo. Encontra-se também aqui instalada uma loja de recordações, em que o material base é a ardósia.

O xisto e a ardósia foram os materiais utilizados para a construção deste espaço. O pavimento exterior é constituído por lajes de pedra lousa, assim como alguns dos muros. Um outro edifício na envolvente serve de abrigo às escolas ou investigadores que aqui se dirijam. Acima encontram-se os vestígios marcados na rocha de uma antiga estrada romana.

Problemas

Uma das maiores ameaças que sofre a paisagem da bacia do rio Paiva é a expansão das áreas florestais ocupadas com monoculturas de eucalipto. Este é uma espécie que influencia negativamente tanto o solo como os recursos hídricos, ao mesmo tempo que diminui a biodiversidade, aumentando o risco de incêndio ².

Outra das ameaças é a destruição física dos habitats, provocada por eventos dos quais se destacam a construção de infra-estruturas hidráulicas. Também se verifica a *"poluição da água e dos solos, arborizações com fortes mobilizações de solo, introdução de espécies exóticas, alteração das práticas tradicionais de pastoreio, artificialização das margens dos rios, intensa actividade cinegética, furtivismo e comércio ilegal de espécies protegidas, modificações significativas do meio dulciaquícola, abandono da agricultura tradicional, aplicação desregrada de fitofármacos, utilização excessiva de adubos, perturbações causadas pelos desportos radicais e provas de todo-o-terreno e turismo desregrado"* (Silva, 1999) ².

As espécies de mamíferos presentes encontram-se ameaçadas pela grande actividade cinegética, furtivismo e as capturas ilegais. Também a abertura de novas estradas e o aumento do trânsito rodoviário aumentam o risco da sua morte por atropelamento ².

O número de espécies de aves de rapina tem vindo a decrescer devido à utilização crescente de pesticidas na agricultura, o abate ilegal, a *"destruição dos ninhos, pilhagem de ovos e captura dos juvenis"* (Silva, 1999) ².

Os habitats de répteis e anfíbios encontram-se ameaçados pela *"abertura de caminhos, urbanizações, aterros, diminuição ou desaparecimento dos pequenos cursos de água"*, assim como pelas substâncias tóxicas presentes no meio e a sua perseguição ².

Os peixes encontram-se ameaçados pela *"construção de obras de engenharia hidráulica ou hidroeléctrica, extracção de inertes, repovoamentos com peixes provenientes de bacias hidrográficas distintas, métodos de pesca ilegais e certos desportos radicais"* (Silva, 1999) ².

Bibliografia

ASSOCIAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO RURAL INTEGRADO DAS SERRAS DE MONTEMURO ARADA E GRALHEIRA; Plano de Desenvolvimento Local 2001 – 2007.

FERNANDES, A.T. (2002); Memória e Identidade na Comunidade Autárquica: Arouca na encruzilhada do passado e futuro; Câmara Municipal de Arouca; Arouca.

Instituto de Conservação da Natureza (2006); Plano Sectorial da Rede Natura 2000 [On-Line], disponível em www.icn.pt.

MOURA, Armando Reis (2001); Serra da Freita; Associação da Defesa do Património Arouquense; Universidade de Aveiro; Aveiro.

PIGNATELI, Inácio Nuno (1998); O Paiva, ou a Paiva como também lhe chamam; Edições Afrontamento.

RIBEIRO, Mário Araújo (1999); O Maciço da Gralheira – Da Freita ao S. Macário – um guia com algumas crónicas. Câmara Municipal de Arouca; Vale de Cambra.

SIMÕES JÚNIOR, Manuel R. (1954); Mosteiro de Arouca: couto de Antuã e Arouca: subsídios para a sua história; Sep. do Arquivo do Distrito de Aveiro; Aveiro.

SILVA, Filomeno (1993); Arouca d'Ontem. Estudo Toponímico e álbum fotográfico; Edição Associação Para a Defesa da Cultura Arouquense; Arouca.

SILVA, Filomeno (1997); Entre Freita e Montemuro; Associação para a Defesa da Cultura Arouquense. Arouca.

SILVA, Filomeno; MARCO; OLIVEIRA, Américo; GOMES, Carlos Aguiar; PAIVA, Jorge; SILVEIRA, Paulo (1999); Rio Paiva; Grupo das Letras – Editores, S.A.

<http://sweet.ua.pt>

www.addp.pt

www.aroucanet.com

www.cm-arouca.pt

www.cm-cpaiva.pt

www.cm-cinfaes.espigueiro.pt

www.icn.pt

www.ippar.pt

www.monumentos.pt

